

REVISTA

Administrador **Hospitalar**

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DOS ADMINISTRADORES HOSPITALARES

Ano 1 | Edição 1 | São Paulo | Maio de 2013



INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE

A criatividade e a inovação na administração são assuntos
que não saem da pauta dos principais líderes globais



De Norte a Sul, de Leste a Oeste: a melhor opção em distribuição de medicamentos, equipamentos e materiais hospitalares.

A Expressa é de todos os sotaques. Com 8 Sedes, 5 Centros de Distribuição e presença comercial em todo o território nacional, podemos dizer, hoje, que absorvemos e englobamos ao nosso modo de trabalhar as particularidades de cada mercado deste país de dimensões continentais. Junto a isso, o cuidado que temos com o manuseio de nossos produtos e a responsabilidade com que lidamos com cada etapa de nossa operação nos fazem, há 28 anos, a melhor opção em distribuição de medicamentos, equipamentos e materiais hospitalares.



Diretor Executivo e Publisher:

Júlio César Guerrero
ceo@revistaadhospitalar.com.br

Diretora Financeira:

Patrícia Almeida Guerrero
patricia@revistaadhospitalar.com.br

Executivos de Contas:

Débora Ferreira Garcia
debora@revistaadhospitalar.com.br

Filipe Almeida Guerrero
filipe@revistaadhospitalar.com.br

Lilian Ferreira
lilian@revistaadhospitalar.com.br

Designers Gráficos:

Lucas Borges
lucas@revistaadhospitalar.com.br

Web Designers:

Jéssica de Souza Antonillo
jessica@revistaadhospitalar.com.br

Rener Guanhari
rener@revistaadhospitalar.com.br

Vinicius Almeida Guerrero
vinicius@revistaadhospitalar.com.br

Jornalista Responsável:

Kelly de Souza - MTB 33.523
kelly@revistaadhospitalar.com.br

Publicação produzida em parceria
com a FBAH - Federação Brasileira
dos Administradores Hospitalares.

Talentos
comunicações

Talentos Comunicações
Fone: (16)3235-1812 | 3235-1852
www.portaldohospital.com.br
www.revistaadhospitalar.com.br

UM OLHAR ATENTO AO ADMINISTRADOR HOSPITALAR BRASILEIRO

As Organizações Hospitalares e Sistemas de Saúde vêm aprimorando cada vez mais seus modelos de gestão. As novas configurações econômicas, regulatórias e competitivas – entre os players do mercado – têm demandado cada vez mais ferramentas e estratégias de Excelência da Administração Hospitalar. O crescimento e a evolução incessante do setor de saúde no Brasil têm exigido líderes cada vez mais capacitados e conectados a esta nova realidade.

Foi com esta motivação que a *Talentos Comunicação*, em parceria com a *Federação Brasileira de Administradores Hospitalares (FBAH)*, apostou no lançamento da revista **Administrador Hospitalar**, publicação totalmente dirigida e focada na atuação do gestor da área de saúde. A publicação retrata o efervescente panorama atual do mercado, estratégias, ideias de inovação e perspectivas para o segmento. Trimestralmente, os mais recentes e importantes avanços da administração hospitalar estarão em discussão, além de melhores práticas, estudos de caso e perfis de liderança serão trazidos em artigos de consagrados autores.

Para compor este cenário, ganha destaque também as novas tecnologias, produtos e serviços que têm auxiliado de forma significativa o trabalho do administrador hospitalar. Para isso, a publicação ampliará o diálogo entre prestadores de serviços e indústria. Você é nosso convidado especial para entrar neste debate e contribuir para o enriquecimento do nosso conteúdo e para o setor de saúde em geral.

Boa Leitura!

Os Editores

3

Carta do Editor e Expediente

6

INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE

A criatividade e a inovação na administração são assuntos que não saem da pauta dos principais líderes globais. *Valdesir Galvan*, presidente do GRAAC, explica como essas ferramentas estão incorporadas na gestão da área da saúde.

10

EMPREENDEDORISMO

Gonzalo Vecina Neto, Superintendente Corporativo do Hospital Sírio Libanês, fala do perfil do empreendedor na área de saúde e as implicações para perenidade do hospital.

14

GOVERNANÇA EM SAÚDE

Rubens Covello e Emerson Eugenio de Lima, do Instituto Brasileiro de Governança em Saúde (IBGS), revelam quais são as áreas fundamentais para implementar rotinas de Governança.

16

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Hospitais brasileiros carecem de modelos transformadores de gestão. O consultor internacional, *Guilherme S. Hummel* mostra como os administradores hospitalares têm revolucionado hospitais através de eHealth.

20

TABLET DA SAÚDE

Faculdade de Medicina da USP adotou o uso de tablets para educação interativa à distância de profissionais de saúde.

24

SAÚDE PARA TODOS

Francisco Balestrin, presidente da Associação Nacional de Hospitais Privados, mostra a importante colaboração do setor privado para a saúde brasileira.

24

FORMANDO NOVOS LÍDERES

A formação do Administrador Hospitalar no Brasil e seu papel no Mercado de saúde nos setores público, privado e filantrópico.

36

REPORTAGEM DE CAPA

Parcerias Público-Privadas e OSS

Um panorama das parcerias público-privadas na área de saúde e como o modelo tem sido fundamental para a continuidade dos serviços no Brasil.



44

RISCOS NA SAÚDE

Em meio a denúncias envolvendo algumas organizações sociais, aumenta o risco à sobrevivência do setor filantrópico, maior parceiro do governo federal no SUS. *Paulo Roberto Segatelli Camara*, superintendente da Pró-Saúde, explica os motivos.

46

AGENDA SUSTENTÁVEL

Saiba por que a implantação de uma agenda focada na sustentabilidade será um padrão a ser adotado nas instituições de saúde e, mais do que isso, um diferencial competitivo.



52

HOSPITAL AMIGO DO MEIO AMBIENTE

Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP (IPq) destaca-se em ações de qualidade ambiental.

56

PROCESSO AQUA

Certificação de Construção Sustentável promove aumento no padrão de sustentabilidade na construção dos edifícios hospitalares brasileiros.

58

INDÚSTRIA MÉDICO-HOSPITALAR

Ruy Baumer, Coordenador do Comitê da Cadeia Produtiva da Saúde (Comsaude/Fiesp), defende isonomia tributária para a indústria da saúde ainda em 2013.



62

FARMÁCIA HOSPITALAR

Bom gerenciamento garante o uso seguro e racional de medicamentos prescritos.

64

SOLUÇÕES

Central de Compras da Pró-Saúde agiliza processos e garante efetividade nas negociações.

68

FEIRA HOSPITALAR

Dra Waleska Santos, presidente e fundadora da Hospitalar Feira e Fórum, fala do desafio de criar, nestas duas décadas do evento, uma rede de conectividade dinâmica e vivaz.

70

ESPAÇO DO ADMINISTRADOR

Compartilha experiências e renova conhecimentos dos administradores hospitalares em espaço exclusivo durante a Feira Hospitalar.

72

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ADMINISTRADORES HOSPITALARES

Foca na profissionalização do administrador hospitalar.

76

PREMIAÇÃO

“Prêmio FBAH de Administração Hospitalar” reconhece e premia os gestores hospitalares que se destacaram em sua atuação profissional.

82

PRÓXIMA EDIÇÃO

Conheça os próximos temas que serão tratados nas próximas edições da revista Administrador Hospitalar.



INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE NA ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR

Por Kelly de Souza



A criatividade e a inovação na administração são assuntos que não saem da pauta dos principais líderes globais. Na área da saúde não é diferente. No entanto, tais ferramentas e estratégias ainda esbarram em muitos paradoxos. É possível ser inovador e manter, ao mesmo tempo, consistência e eficiência nos resultados? É possível aliar criatividade e tradição na gestão dos serviços hospitalares, que são considerados muitas vezes “conservadores”?

Para responder a estas perguntas, **Valdesir Galvan**, profissional com mais de 25 anos de atuação em Gestão Hospitalar, presidente do GRAAC (Grupo de Apoio ao Adolescente e Criança com Câncer – SP) e da FBAH (Federação Brasileira de Administradores Hospitalares), traça um importante cenário da gestão dos serviços de saúde no Brasil e o papel do administrador frente aos desafios atuais.

É possível aliar inovação e tradição na gestão dos serviços de saúde, que são considerados muitas vezes “conservadores”? Como a temática é vista atualmente pelos administradores hospitalares?

Inovação na administração é um assunto sempre em pauta, mas ainda tem causado algumas distorções, dada a amplitude deste conceito de inovação. A inovação pode ser vista de diversas formas, como inovação de produto, de processo e até do modelo de negócio. Inovação na área de serviço, a meu ver, pode ser bem aplicada em processos, modelo de negócio e modelo de gestão. A área hospitalar ainda é tida como conservadora. Alguns hospitais já superaram e aplicaram alguma inovação principalmente na gestão, revendo o modelo e a estrutura organizacional, começando com a profissionalização de gestão, que na área hospitalar pode ser considerada uma grande inovação. Alguns hospitais têm investido também no modelo de negócio, que pode ser traduzido em como o serviço é oferecido ao mercado, composição deste produto, principalmente nos modelos de remuneração. Uma das formas de inovar neste ambiente conservador passa por mudanças de cultura, em estimular os profissionais de saúde a perceberem o hospital ou o serviço de saúde como um negócio, e procurar identificar quais são os “produtos” a serem oferecidos ao mercado. Acredito que a inovação atualmente é considerada um dos principais pilares para manter consistência nos resultados. Inovar não significa perder a tradição do hospital, temos hoje vários hospitais considerados tradicionais e altamente inovadores.



divulgação

Os principais consultores de mercado afirmam que os serviços de saúde que quiserem prosperar têm pela frente um longo caminho em termos de inovação. E os que não o fizerem estarão fadados ao fracasso. O senhor vê desta forma?

Não resta a menor dúvida de que os serviços de saúde que não inovarem estarão fadados ao fracasso. É só observar, nos últimos anos, o elevado número de serviços de saúde que encerraram suas atividades, e o que está por trás dos serviços que prosperaram e cresceram. Com certeza muita inovação e criatividade.

Em sua opinião, quais são os principais fatores que contribuem para que o administrador da saúde “coloque o pé no freio” em termos de criatividade e inovação?

O principal fator que leva o administrador a colocar o pé no freio passa pelo próprio conceito de Inovação e Criatividade. Quando falamos em inovação logo vem à mente grandes investimentos, tecnologias de ponta, edificações modernas. Não paramos para refletir que inovar em pequenas coisas, seja em mudanças de processos ou na forma de apresentar nossos produtos, pode significar grande economia e aumento de resultados.

Na área da criatividade é ainda mais difícil porque ficamos procurando grandes ideias, algo que jamais alguém pensou, e com isso deixamos de estimular a apresentação de pequenas ideias, que muitas vezes podem ser valiosas. Na maior parte das empresas as novas ideias não fluem porque são recebidas e logo bloqueadas com alguns argumentos do tipo: já tentamos e não deu certo; isso nunca vai dar certo; não vão gostar; sempre foi feito assim; não se mexe em time que está ganhando; se fosse bom já teriam inventado antes; isso não tem lógica, etc. Está nas mãos dos administradores mudarem este cenário, renovando sempre e reinventando o modelo de gestão.

Falta, ainda, percepção sobre o próprio negócio? É preciso libertar-se do antigo conceito de “hospital”?

Este é o grande desafio. Muitos têm dificuldade em identificar qual o seu negócio, e, com isso ficam dispersos e investindo em atividades que não têm domínio. Um dos grandes conflitos na gestão hospitalar está no conceito de hospital que permeia entre os diversos profissionais da saúde. Muitos ainda veem o hospital como “um local de acolhimento de pessoas doentes, portanto temos que ter foco única e exclusivamente no paciente”. Temos sim que ter foco no paciente, mas se não observarmos os processos da assistência como um todo, estaremos expondo o paciente a muitos riscos, bem como se não percebermos o hospital como uma empresa, estaremos comprometendo a sua sustentabilidade. Portanto, o desafio do administrador está em manter o equilíbrio nesta “empresa” hospital, entre o negócio propriamente dito e a assistência ao paciente com qualidade e segurança.



divulgação

“Inovar sem planejamento é como viajar sem destino definido. Toda gestão hospitalar para ter sucesso começa com bom planejamento”

O que tem levado os hospitais a mudarem a percepção de seu negócio, incorporando conceitos de inovação e criatividade?

Como fator externo, podemos considerar a própria evolução do mercado. O tema saúde passou a fazer parte da agenda dos principais governantes e políticos, a população está mais bem informada, com acesso a toda e qualquer informação que diz respeito à saúde. A globalização é outro fator que leva os gestores a estarem constantemente conectados aos movimentos da área. A influência e a regulamentação do setor por parte do governo é outro fator que tem exigido muita criatividade na gestão, bem como a “judicialização” da saúde.

Entre os fatores internos, temos a necessidade de atualização dos profissionais, a incorporação tecnológica, custos cada vez mais elevados, forçando a rever processos e métodos.

“Acompanhar as mudanças do mercado é importante, mas mais importante ainda é saber como ajustar sua gestão frente às mudanças, saber o momento de ajustar e a capacidade de absorvê-las”

A inovação no ambiente de saúde só é possível para empresas de grande porte? O que é preciso para inovar: recursos, criatividade ou planejamento?

Inovação é possível em qualquer porte de empresa, até na vida pessoal temos que estar sempre inovando, para nossa sobrevivência, e nas empresas não é diferente.

Inovar não significa investimentos, o que realmente faz-se necessário é determinação. E, estar sempre atento aos cenários internos e externos que influenciam o todo. É daí que nascem as necessidades. Inovar sem planejamento é como viajar sem destino definido. Toda gestão hospitalar para ter sucesso começa com bom planejamento.

Quais são os sinais que os gestores têm de levar em consideração que apontam para a necessidade de repensar a gestão do negócio, ou seja, a hora da mudança?

Um sinal que convida para mudanças é a estagnação (falta de crescimento), num mercado em franca expansão, ou quando as metas definidas não são alcançadas. O gestor tem de estar sempre conectado com os acontecimentos do mercado e com as necessidades internas. Um pouco de intuição também faz parte da gestão.

Como os hospitais devem se organizar para estimular a criatividade sem “prejudicar” seus processos?

O gestor deve definir uma forma de ouvir os profissionais, estimulando-os a expor suas ideias, para isso deve dedicar parte do seu tempo ouvindo os funcionários. Pode-se criar também um banco de ideias, onde todos os profissionais podem apresentar sugestões de melhorias. Estas ideias e suas possíveis aplicações devem ser analisadas. Também é importante, sempre que possível, premiar ideias implantadas. Uma ideia boa não pode simplesmente ser implantada porque alguém achou maravilhosa, ela deve ser comparada aos processos existentes e analisadas em suas vantagens.

Como lidar com a velocidade das mudanças do mercado? Como isso impacta o trabalho do administrador?

Se o administrador não estiver conectado e na mesma velocidade das mudanças do mercado estará fadado ao fracasso, pois os clientes e parceiros estarão acompanhando as mudanças do

mercado, principalmente no que diz respeito ao cliente. Se o hospital não estiver usando as melhores técnicas de assistência e diagnóstico, por exemplo, seus clientes estarão procurando quem as tem.

Acompanhar as mudanças do mercado é importante, mas mais importante ainda é saber como ajustar sua gestão frente às mudanças, saber o momento de ajustar e a capacidade de absorvê-las.

Neste cenário, o que conta mais: a formação ou a experiência?

São duas coisas que andam juntas. Uma boa formação é fundamental, bem como a experiência que é um grande diferencial, pois significa ter vivenciado as dificuldades do dia a dia hospitalar. Boa formação e experiência juntas são um par perfeito.

A inovação é um caminho para driblar a concorrência?

Não acredito que a inovação seja a ferramenta para driblar a concorrência, ela deve ser usada como um ingrediente na gestão. Na área de saúde, a qualidade passa a ser o caminho (diferencial) para enfrentar a concorrência. Um grande diferencial hospitalar está centrado na qualidade assistencial. Em breve nossos clientes escolherão o hospital para um procedimento, através da INTERNET, analisando indicadores assistenciais.

Talento para lidar com pessoas, disposição para encarar a complexidade da gestão, espírito de equipe, entre outras competências são atribuídas ao bom administrador hospitalar. Em sua opinião, qual é o conjunto de conhecimentos que os novos gestores devem acumular para tornarem-se bons líderes do século 21?

Primeiramente uma boa formação na área de gestão em saúde. É necessário um conjunto de conhecimentos em toda a área hospitalar, sejam assistenciais, médicas e de enfermagem, bem como administrativas e financeiras. O bom gestor hospitalar tem de estar preparado para lidar com todo tipo de assunto de todas as áreas. Como principal líder da instituição, ele deve ter habilidade para liderar e orientar todos os demais gestores de áreas, tanto na área de RH, financeira, comercial, logística, hotelaria, médica, enfermagem e ainda conhecer muito bem o mercado externo.

O EMPREENDEDOR E A PERENIDADE

Por Gonzalo Vecina Neto*



Tive a oportunidade de participar recentemente de uma discussão que me foi rica e aprendi muito com um grupo de empreendedores. Minha tarefa era discutir o processo de perenização do resultado da ação dos empreendedores. Notei alguns traços comuns entre eles:

- **São inconformados** - Não aquele inconformado para o qual nada é suficiente, mas um tipo de inconformado que se percebe de longe que não está satisfeito, e que está em ação, buscando alternativas e sempre buscando se superar nas descobertas que vai realizando e nas inovações que vai criando. Essa é a face mais visível do empreendedor e é também daquele que inova. É a característica do indivíduo que pró-age. Age antes, age sempre. E “quebra a cara” muitas vezes porque erra na busca do acerto. As empresas que convivem com este tipo de pessoa conseguem sempre um balanço positivo. Mas, é preciso aprender a substituir a cultura de buscar os culpados pela cultura de aprender com os erros.
- **Buscam entregar algo que muitos estão procurando** - Aqui é a questão já clássica de encantar o cliente. Muitos de nós sabemos o que o cliente quer, mas poucos são os que conseguem encantar o cliente com uma entrega que vai além daquilo que ela buscava, mas que o surpreende por preencher lacunas de seus desejos que às vezes ele mesmo não percebia existir.
- **São contemporâneos** - Apresentam soluções que estão maduras para serem utilizadas, pois naquele momento são necessárias. É o caso de soluções que melhoram o meio ambiente, é o caso de soluções que por serem mais eficientes permitem que mais consumidores tenham acesso, é o caso de soluções que ajudam a fazer escolhas melhores em um mundo onde existem múltiplas possibilidades de escolha e, em todas, existe tecnologia que diferencia resultados que a maioria dos mortais não consegue entender, embora possa perceber o resultado – dez ou vinte pixels?
- **Evoluem através de disrupções** - Teve um tempo que o mundo mudava somente através das revoluções. Era um tempo duro e cheio de reais sacrifícios. Depois o mundo passou a evoluir, é o tempo da evolução. Hoje se vive um começo de uma nova era que é território de um novo tipo de pessoa e de organizações. Elas evoluem através de disrupções. São rupturas não dilacerantes, não existe uma descontinuidade total, mas uma laceração que dá oportunidade de o novo surgir. Vide tudo o que ocorreu com o advento da web. É o tempo da evolução disruptiva. Esta implica em uma ruptura com o momento anterior, que é quando se cria o novo e isto não é uma revolução, é um rompimento com a antiga ordem que evolui para uma nova posição que traz um resultado positivo para a vida do homem na terra. Esta talvez seja uma das características mais complexas de serem alcançadas, pois exige toda uma nova forma de pensar e agir.

CAMINHOS DA PERENIDADE

Se esses são os traços, como chegar à perenidade? Ela necessariamente deve ser finita em busca de uma nova inovação? Como viver e sobreviver a este paradoxo? É neste momento que entra a capacidade de criar uma organização, pois ela permitirá que a inovação tenha um espaço adequado para produzir seus efeitos e conviver com novas disrupções. As características apontadas acima deverão juntar-se a outras. Sem ser exaustivo aponto as seguintes:

- **Compreender o seu tempo** – De todas, esta é a habilidade que me é mais cara. Saber onde se está, enxergar o seu tempo, identificar ameaças e oportunidades, conseguir ver através do tempo e construir visões de futuro, construir utopias. Desenhar caminhos que transformam a realidade através dessa capacidade de apontar para onde ir. Sem líderes nada se pereniza e as organizações tornam-se caóticas. Vejam que estou falando de algo que o líder deve ter e não do líder. Perceber, interpretar e agir em relação ao meio em que vive.
- **Negociar** – O tempo atualmente move-se de maneira muito rápida e tudo está em contínua transformação. Assim, é impossível agir só. É necessário ter a noção de que as construções, as ações são fruto da ação de times que têm de agir construindo consensos dentro de um ambiente onde a flexibilidade é fundamental. Negociar é ser capaz de liderar times através da construção de vontades comuns que aceitam mudanças, que são flexíveis e permitem que o conjunto alcance o resultado esperado usando muitas vezes rotas não traçadas.



- **Transparência** – Esta palavrinha tem ficado cada vez mais comum no mundo das organizações. Como negociar, como liderar times com uma agenda secreta? Na verdade, transparência é somente uma forma mais elegante de dizer que na organização e nos times deve existir lealdade. Sem lealdade não há como construir coletivamente um objetivo que pelas características das organizações e de seus processos não pode ser tarefa de uma única pessoa. A complexidade destes tempos exige times e, portanto, lealdade/transparência.
- **Constância no propósito** – Aqui se trata de valorizar a capacidade de olhar para o caminho e construí-lo realizando o exercício do planejamento e executando o que se propôs fazendo de tal forma que os passos sejam dados e os objetivos intermediários possam ser alcançados. Ou não. É justamente neste momento o plano deve ser reformulado. A perseverança é fundamental quando a tarefa é complexa e o plano tem de dirigir a ação. A estratégia através da qual os objetivos serão alcançados faz parte da maneira de derrubar os obs-

táculos que se colocarão à frente da construção do alcance dos objetivos.

- **Aprender sempre** – Da mesma maneira que o mundo está em contínua transformação, que as organizações estão em contínua transformação, nós temos que continuamente nos transformarmos. Somente o conhecimento transforma. Daí ser imperativo se estar continuamente buscando novos conhecimentos, experiências, práticas. Olhar o que o mercado está fazendo e buscar utilizar o novo para recriar, transformar, melhorar sempre.
- **Gerenciamento** – Gerenciar é ter a capacidade de mobilizar recursos para atingir resultados. Portanto, essa capacidade é uma habilidade que envolve um conjunto de conhecimentos. Algumas vezes não os dominamos e temos

de buscá-los através de experts no mercado. O importante é não deixar de usar as ferramentas que estão à disposição para diferentes problemas. O mundo organizacional moderno está repleto de ferramentas muito potentes para melhorar o resultado das organizações. Às vezes se confundem ferramentas com modas. Não são modas, uma ferramenta somente pode se tornar obsoleta pelas transformações tecnológicas, assim o cuidado não é evitar modas e sim evitar o obsoletismo. E, nestes tempos, certamente a ferramenta mais potente é a tecnologia da informação. Não dá para ser efetivo sem o uso intensivo de TI. Mas gerenciar é atingir resultados, portanto é vital medi-los. Quem não mede os resultados que persegue, não sabe se os alcançou. E quem não sabe se alcançou seus resultados é incapaz de saber se atingiu seus objetivos e, portanto, incapaz de saber se rompeu com a sua utopia. É tudo inútil.

Certamente estes seis pontos não esgotam a questão dos requisitos necessários para a construção da perenidade, assim como os quatro primeiros apenas ilustram algumas características dos empreendedores. Mas, creio que levam a uma reflexão sobre a importância de criarmos na sociedade um espaço que permita que viceje o empreendedorismo e também para que novas organizações consigam se tornar perenes e cumpram com o esperado papel de melhorar a vida do homem na terra.



divulgação

*Gonzalo Vecina Neto é Professor assistente da FSP/USP e Superintendente Corporativo do Hospital Sírio Libanês.

Sua necessidade é **maior**
que o seu espaço?

© 2014 HUFFIX



ALMOXARIFADO



Conheça o case que revolucionou a forma de otimizar espaços hospitalares

O projeto completo será apresentado no Espaço Administrador da FBAH,
na Feira Hospitalar. Saiba mais no site www.huffix.com.br/case



Apoio:



Espaços inteligentes e criativos
www.huffix.com.br

GOVERNANÇA EM SAÚDE

Por Por Rubens José Covello e Emerson Eugenio de Lima*

“O Instituto Brasileiro de Governança em Saúde (IBGS) tem atuado em quatro áreas fundamentais: Governança Corporativa, Governança Clínica, Governança Ético-Legal e Governança da Informação”

A expressão “Governance” surgiu a partir de reflexões conduzidas principalmente pelo Banco Mundial, com o objetivo de aprofundar o conhecimento das condições que garantem um Estado eficiente, deslocando o foco de atenção das implicações estritamente econômicas para uma visão mais abrangente e global, que passou a envolver também as dimensões e reflexos sociais, e mais recentemente de transparência das ações

e sustentabilidade. Segundo o Banco Mundial, em seu documento “*Governance and Development*” datado de 1992, a expressão governança apresentava como definição “o exercício da autoridade, controle, administração e poder de governo”, podendo ainda ser interpretada como a “maneira pela qual o poder é exercido na administração dos recursos sociais e econômicos”, e ainda, tendo uma aplicação inicial (na origem da expressão) destinada quase que exclusivamente às instituições governamentais.

Apesar da expressão Governança derivar do termo governo, nos últimos 20 anos passou a apresentar diversas interpretações, dependendo do enfoque e aplicação, restando como definição geral o **conjunto de processos, normas, regulamentos, decisões, costumes, ideias que demonstram a forma como empresas privadas ou estatais, são dirigidas e administradas** - tendo como objetivos e características a segurança, eficiência, responsabilidade, comprometimento, transparência e sustentabilidade da operação e das atividades da empresa em geral perante a sociedade. Outra expressão também muito utilizada nos dias de hoje é o de “Boa Governança”, que apresenta como principais características: Estado de direito, transparência, responsabilidade, orientação por consenso, igualdade e inclusividade, efetividade e eficiência, e prestação de contas.

No início, somente empresas privadas de capital aberto, preocupadas com a transparência de sua operação e prestação de contas junto a seus investidores/acionistas, em especial por conta de exigência de mercado e de regulamentação específica para que pudessem ofertar ações em Bolsa de Valores, passaram a adotar e implementar rotinas, processos e costumes de Governança. Porém, mais recentemente, em virtude de uma evolução cultural, de responsabilidade social e de sustentabilidade das empresas, e também em virtude da ne-

cessidade de uma gestão mais profissional, a Governança passou a ser prioridade de toda e qualquer empresa.

Na área da saúde não poderia ser diferente, ainda mais em virtude da atividade-fim diferenciada dessas empresas que cuidam do maior bem que é a vida, a necessidade de implementar rotinas, processos e costumes de governança também passou a ser prioridade.

Nesse contexto, o **Instituto Brasileiro de Governança em Saúde (IBGS)** tem atuado em quatro áreas fundamentais: Governança Corporativa, Governança Clínica, Governança Ético-Legal e Governança da Informação: **Governança Corporativa em Saúde:** Tem como objetivo a implementação de processos e rotinas de Governança Corporativa pelas empresas da área da saúde, com foco na administração e gestão da empresa, tendo como principais ações: Avaliação de Governança, Melhores Práticas em Governança em Saúde, Estruturação e Reestruturação de Conselhos, Monitoramento dos Sistemas de Decisão, Governança Organizacional, Estratégia Empresarial, Conflitos Societários, entre outros.

Governança Clínica: Tem como objetivo a implementação de processos, costumes e rotinas com o objetivo de melhoria da assistência com foco na segurança do paciente, utilizando processos de qualidade e de Governança Organizacional. A Governança Clínica pode ser entendida como um sistema através do qual as organizações são responsáveis por melhorar continuamente a qualidade dos seus serviços e a garantia de elevados padrões de atendimento e de segurança do paciente, com atuação na efetividade da intervenção e conduta clínica, na auditoria clínica eficaz, na gestão eficiente do risco de eventos adversos, na educação e treinamento

de seus profissionais (de todas as áreas da saúde – atendimento multiprofissional e multidisciplinar), no desenvolvimento e pesquisa clínica, e na transparência e sustentabilidade de todos os processos e rotinas, e nas relações interpessoais.

Governança Ético-Legal em Saúde: Tem como objetivo a avaliação e auditoria quanto ao cumprimento da legislação vigente e normas de natureza ética pelas empresas da área da saúde, com foco na segurança do paciente. A partir da avaliação/auditoria, inicia-se a implementação de rotinas para o cumprimento integral e irrestrito da legislação vigente, bem como a assessoria e suporte às Comissões obrigatórias, como por exemplo: Comissão de Ética Médica, Comissão de Óbitos, Comissão de Revisão de Prontuários Médicos, entre outras.

Governança da Informação em Saúde (TI): Tem como objetivo a avaliação e auditoria da parte legal e ética dos sistemas de informação das empresas de saúde, em especial das informações dos clientes (pacientes) que são armazenadas, compartilhadas e acessadas, em virtude da legislação vigente e do sigilo profissional. A partir da avaliação/auditoria, inicia-se a implementação de rotinas para o cumprimento integral e irrestrito da legislação vigente, bem como das boas práticas de segurança e confidencialidade do sistema. As empresas da área da saúde, de todos os segmentos principalmente da área assistencial, passaram a implementar rotinas de Governança (não só voltadas para investidores), mas em especial com foco no cliente final (pacientes), com o objetivo de garantir a segurança, eficiência, responsabilidade, comprometimento e, transparência nos atendimentos, bem como a sustentabilidade da operação.

*Rubens José Covello e Emerson Eugenio de Lima são, respectivamente, Presidente e Vice-Presidente do Instituto Brasileiro de Governança em Saúde. Mais informações: www.governancasaude.com.br

E**H**HOSPITAL

Desconstruindo a Gestão Hospitalar

Por Guilherme S. Hummel *

“Ultimamente tem se passado muitos anos”. Essa frase do escritor *Rubem Fonseca* nunca foi tão atual e inexorável. A obsolescência corre atrás de nós destruindo instituições, ideias, paradigmas e, infelizmente, pessoas. Esse turbilhão de *inovações-por-minuto*, essa massa de novas tecnologias que nos persegue incansavelmente pode ser incômoda, devastadora e até depressiva. Mas, essas mesmas tecnologias são a solução para muitos de nossos antigos e insolúveis problemas. Como conviver com esse *tsunami-digital* sempre dependerá de nossa atitude diante das novas realidades. Medo não ajuda, indiferença tão pouco. É necessário que os gestores abram os porões da mente e, com disposição, separem a tecnologia rocambolesca e inútil, da tecnologia construtiva, exequível e transformadora. Hospitais brasileiros carecem de **modelos transformadores de gestão**. Transformação não significa necessariamente ruptura. Gestores hospitalares, principalmente aqueles que dividem seu tempo entre o consultório e o gabinete da administração, ainda olham as **Tecnologias de Informação e Comunicação em Saúde (eHealth)** como algo que traz risco, incompreensão, custos e, acima de tudo, perda de poder. Há duas formas de encarar esse fato: (1) aceitá-lo e empurrar as transformações digitais para o futuro; ou (2) desconfiar que essa avalia-

ção seja equivocada e “puxar o futuro para o agora”. Sim, claro, existe uma terceira possibilidade: ser condenado ao flagelo da insolvência gerencial (que está a poucos passos da insolvência corporativa).

Hospitais digitais – eHospital - não são casas de tortura gerencial, mas ambientes em que o “certo e o errado” não são tão confusos, tão irracionais, ou tão distantes. O grande problema da gestão hospitalar do século XXI é que não temos mais o tempo que tínhamos para *perceber, analisar, discutir e decidir* sobre o que é certo ou errado. No início do século XX tínhamos, por exemplo, alguns dias ou semanas para decidir sobre o remanejamento de leitos dentro de uma UTI. Hoje essa decisão não pode ultrapassar alguns minutos, no máximo um par de horas. Nos anos 50 era possível convocar uma reunião do comitê clínico para decidir sobre o diagnóstico dos pacientes, hoje é improvável que isso possa acontecer. A escala médica era “imexível”, hoje precisa ser flexível. A farmácia central podia ser abastecida mensalmente, hoje seu ciclo de reposição não poucas vezes é diário. A enfermagem podia ser mais altruísta e menos especialista, e a higienização podia ser mais um tema de debate acadêmico dentro dos hospitais. Na segunda década do século XXI, o hospital está sob enorme pressão. Parece que “todos perderam a paciência”.



“Hoje, a distância entre o tempo de aferição e o tempo de decisão depende eminentemente das Tecnologias de Informação que o gestor tem às mãos. Hospitais que adiam seus projetos tecnológicos conspiram a favor do ciclo da decadência”



Hoje, a *distância* entre o *tempo de aferição* e o *tempo de decisão* depende eminentemente das Tecnologias de Informação que o gestor tem às mãos. Hospitais que adiam seus projetos de implantação de código de barras, por exemplo, ou prescrição eletrônica, ou prontuário eletrônico e integração sistêmica conspiram a favor do *ciclo da decadência*. A falta de recursos, o aperto das contas, a indolência dos custos médicos, a carência de treinamento, as intolerâncias do paciente, a intransigência dos órgãos reguladores (muitas vezes obtusas) e a resistência cultural dos profissionais médicos não são problemas que serão “curados” pela Tecnologia, mas de maneira “misericordiosa” ela é capaz de diminuir consideravelmente as suas dimensões.

Ocorre que para construir a vertical de *eHealth* é preciso desconstruir mitos, enterrar paradigmas, alicerçar novas bases gerenciais e aceitar de maneira inequívoca que a *inovação é mandatória e não opcional*. Como explicou o médico e pesquisador Gunther Eysenbach, da *University Health Network*: “*eHealth envolve, além de desenvolvimento tecnológico, um estado mental, um modo de pensar, uma atitude e um compromisso de interconexão com o pensamento global visando melhorar a Saúde e a sua gestão através das TICs*”.

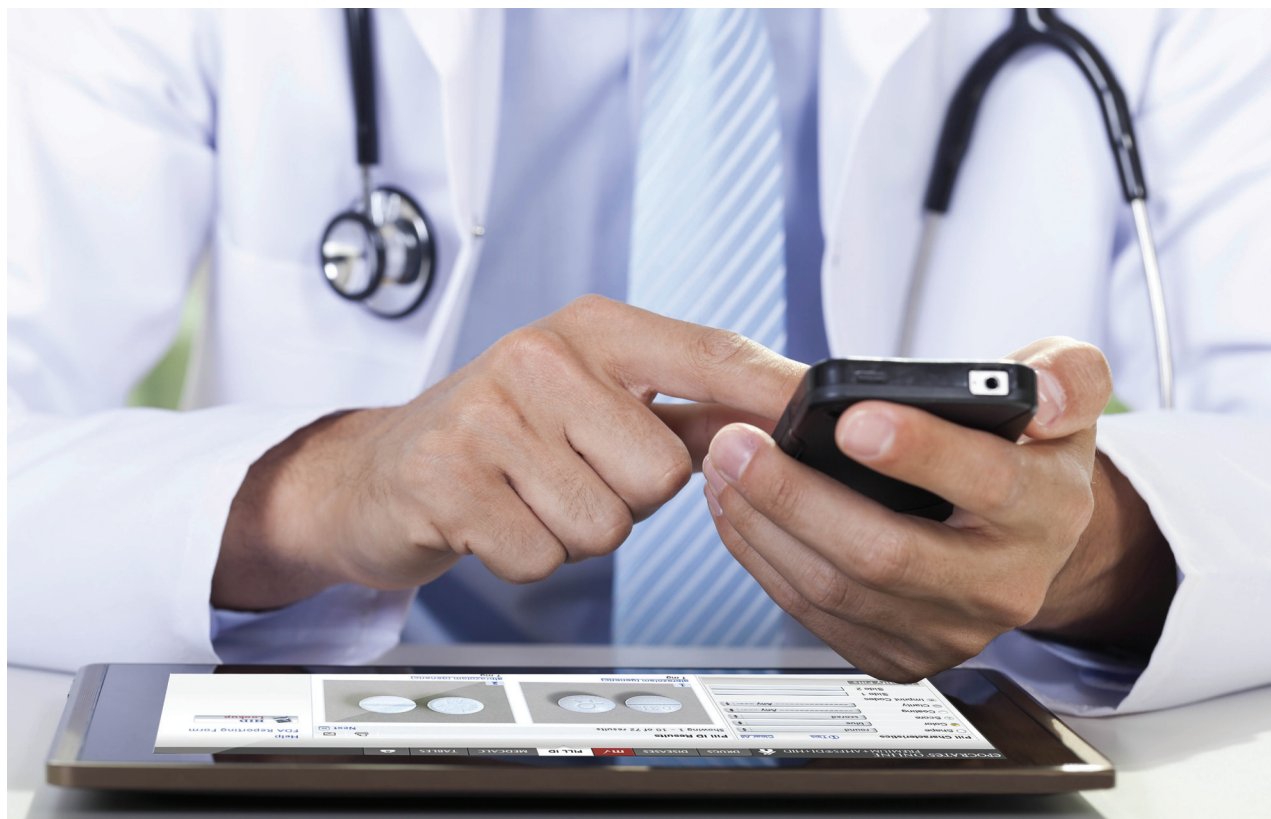
Muitos hospitais já aceitaram essa realidade e concentram suas atenções no desenvolvimento de *eHealth* dentro de seus ambientes de gestão. Já caminham, enfim, na direção do *eHospital*. Nesse sentido, já fazem uso intenso das ferramentas tecnológicas e já conseguem perceber a melhoria na gestão e na redução de custeio. As novas estações de **PACS (Picture Archiving and Communication Systems)**, por exemplo, quando aplicadas em conjunto com os **Sistemas de Gestão Hospitalar (HIS – Hospital Information System)**, têm produzido (ao contrário do que muitos falam) sensíveis reduções de custeio (*up-front*). As novas gerações das estações digitais de Radiologia, Tomografia e Ultrassonografia, cada vez mais compactadas, seguras e inteligentes, atuam como eixos de prevenção às patologias crônicas e dão apoio ao desenvolvimento de novos procedimentos tera-

pêuticos (mais rápidos). Ou seja, o *tempo de aferição* e o de *decisão diagnóstica* pode ser reduzido, trazendo uma sensível redução de custo para as fontes pagadoras, embora poucas entendam bem isso.

Outro exemplo são as soluções de **Pron-*t*uário Eletrônico (PEP)**, que se multiplicam, barateiam e impõem uma nova ordem na gestão clínica do paciente, muita mais voltada à qualidade da atenção e à redução de custeio. Relatório publicado pelo Governo dos EUA, através da agência *Government Accountability Office (GAO)*, mostrou que os médicos norte-americanos estão utilizando mais o **PEP (EHR – Electronic Health Record)**. O estudo mostra que 57% dos médicos filiados ao *Medicare* (seguro de saúde destinado às pessoas com mais idade) já utilizam o **EHR** em suas práticas diárias. Outra pesquisa foi publicada em junho de 2012 pela empresa de

consultoria *KPMG*, sendo realizada junto a gestores de 220 hospitais nos EUA. Ela mostrou que 49% dos líderes hospitalares entrevistados disseram que o projeto de implementação do **EHR** em sua instituição já completou mais de 50%.

No centro da nova realidade hospitalar existe um “marco regulatório”, uma ideia transformadora, ou seja, um **Sistema de Informação Hospitalar Integrado** capaz de cobrir as principais áreas funcionais, como o atendimento ao paciente, os serviços de laboratório, o fluxo de processos que envolvem todas as áreas, a troca de documentos e informações e, principalmente, o **Registro Médico Digital do Paciente**. Trata-se de softwares centrados no paciente com *add-ons* para a gestão financeira da organização. Existem inúmeras soluções no mercado, baseadas na Web, que podem alavancar essa nova perspectiva de gestão,



muito mais lastreada no *aprendizado constante* (hospitais são usinas de aprendizado) do que no *policimento dos profissionais de Saúde*. É imperativo que médicos, enfermeiros, terapeutas, escriturários, assistentes, gerentes e coordenadores clínicos possam acessar as informações dos pacientes que são relevantes à sua tarefa, nem mais e nem menos. O turbilhão de dinheiro que se perde pelo duto da falta de comunicação interna é da ordem de 12%, segundo estudos internacionais. No Brasil não vislumbro nada inferior ao dobro desse valor. Isso não significa necessariamente que deva existir um *único* Sistema Central (o antigo *bureau* de informações) que controle tudo, oriente a todos e produza valor (qualidade e efetividade) através do *brilhanismo* de um único gestor. A tecnologia atual permite o uso inteligente da Web, e de redes internas, com capacidade para extrair informações de diferentes fontes de dados. O nome disso é *interoperabilidade*, e sua funcionalidade fornece poder de decisão (*empowerment*) a todos os gestores da organização. Como toda a produção hospitalar diária fica armazenada, cada diferente nível da organização pode acessar os dados identificando os erros e acertos. Essa *gestão por aprendizado* só é possível através das tecnologias de informação e comunicação.

Não existe *hospital moderno*. O equívoco dessa semântica está levando os gestores à *estetização exagerada dos hospitais*. Luxo, comodidade, grandes salões, obras de arte, um rito a estética em prejuízo à efetividade do atendimento das demais demandas do paciente (bem mais importantes). O ciclo de *internação de um paciente*, por exemplo, dentro de alguns dos mais celebrados hospitais do país é uma sequência de equívocos, quase todos gerados pela falta de sistemas de informação adequados, ou por uma miscelânea de aplicações que “não se conversam”. Da chegada ao hospital até duas horas após estar instalado no quarto,

“Existem inúmeras soluções no mercado, baseadas na Web, que podem alavancar essa nova perspectiva de gestão, muito mais lastreada no aprendizado constante (hospitais são usinas de aprendizado) do que no policimento dos profissionais de Saúde”

o paciente em geral (ou seu acompanhante) é obrigado a repetir seus dados inúmeras vezes (para o registro de entrada, para a seguradora, para a enfermagem, para o nutricionista, para o laboratório, para o anestesista...). Mais do que um incômodo (normalmente, nem reclamado pelo paciente) trata-se de uma ciranda de custos totalmente desnecessários.

Como ser um Hospital do Futuro? A preocupação não deveria ser o futuro, mas o presente. *O que é possível mudar já? O que não estou fazendo agora?* A ideia de que “no futuro teremos isso”, ou “um dia a gente consegue”, ou ainda “não estamos prontos para isso” é um corolário de desculpas para postergar as decisões e empurrar as transformações para debaixo

do tapete. Essa rotatória cômoda inibe o *Planejamento* (este sim, o melhor instrumento para garantir estar no futuro) e reduz dia após dia a perspectiva de incrementar valor ao presente. O resultado é que o Brasil, guardadas as exceções de sempre, coleciona uma enorme quantidade de *hospitais do passado*.

Tecnologias de Informação e Comunicação em Saúde (eHealth) não são a solução para todos os problemas, mas eles não serão resolvidos em escala, de forma produtiva e segura, sem elas. Quanto ao *medo do fracasso*, que baliza muitos dos gestores e inibe a transformação, lembro que sempre haverá uma nova chance para corrigir nossos erros, inclusive os sérios. Fracasso não é cair, mas sim ficar embaixo.

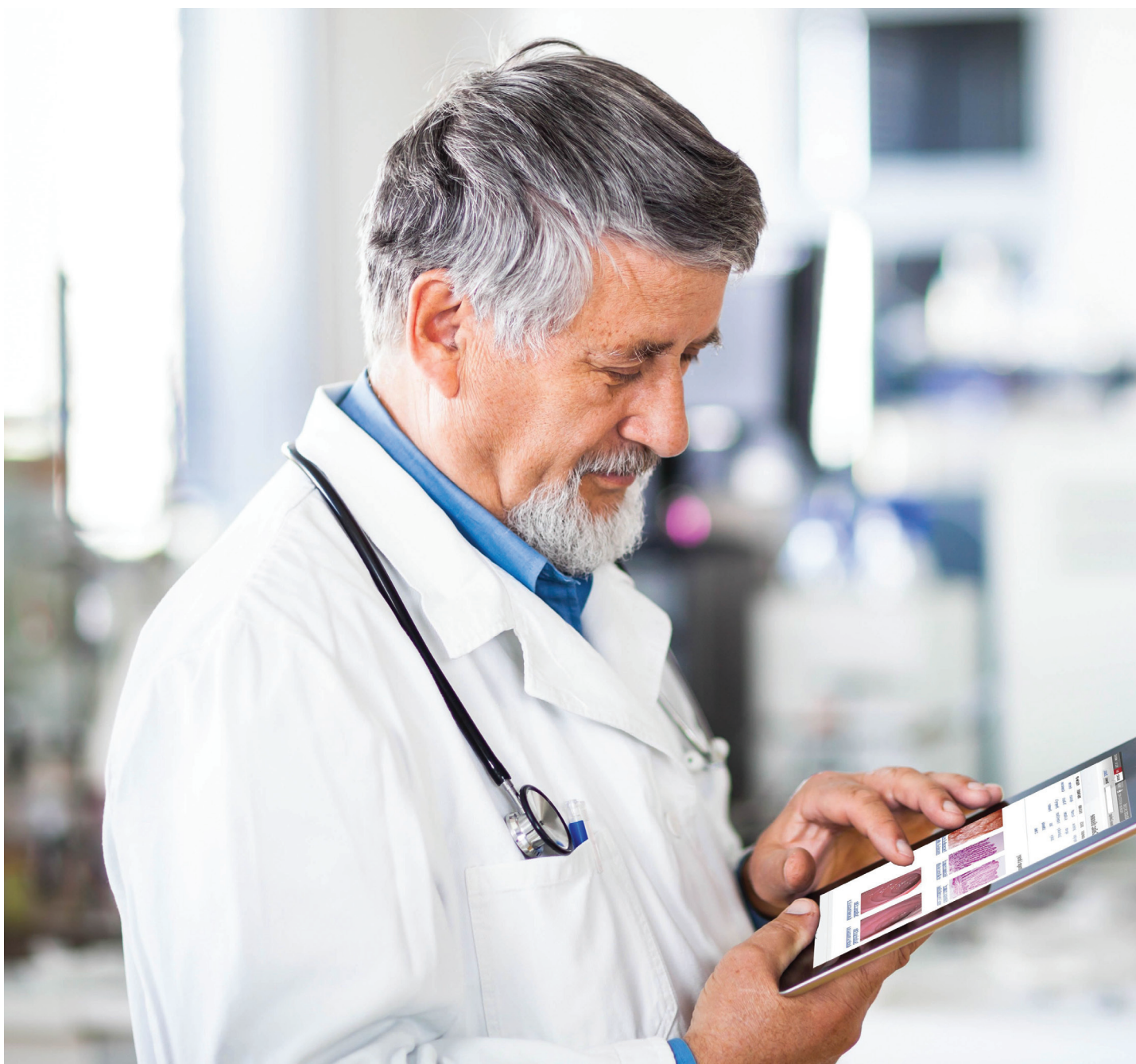
*Guilherme S. Hummel é Consultor, Pesquisador e Mentor em Tecnologias de Informação e Comunicação em Saúde (eHealth), participando há mais de 17 anos em projetos nessa área dentro e fora do país. Autor dos livros: “eHealth – O Iluminismo Digital chega a Saúde”(2006); “ePatient – A Odisséia Digital do Paciente em Busca da Saúde” (2008), e “eDoctor – A Divina Comédia do Médico e a Tecnologia” (2011). Site: <http://www.ehealth-summit.com>

Twitter: @eHealthSummitW



divulgação

“TABLET DA SAÚDE”





“Valorização dos Profissionais de Saúde por Educação Interativa à Distância e Teleassistência”

Um projeto em desenvolvimento na Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) pretende usar a tecnologia para valorizar os profissionais da saúde. A meta é fornecer aos trabalhadores da área um tablet conectado a internet por um modem 3G, que permita o acesso direto ao conteúdo acadêmico e científico produzido pela FMUSP, o maior centro de referência em estudos médicos no País. O dispositivo, batizado de “Tablet da Saúde” é a parte prática do *Programa de Valorização dos Profissionais de Saúde por Educação Interativa à Distância e Teleassistência*.

O programa é uma iniciativa que procura potencializar os efeitos positivos do conteúdo produzido por intermédio da disciplina de Telemedicina da FMUSP para uma parcela maior da sociedade. Para tanto, criou a chamada “Nuvem do Conhecimento da Saúde”, uma plataforma digital que armazena vídeos, cursos e materiais interativos criados pelos especialistas.

SAÚDE MÓVEL

O “Tablet da Saúde” funciona como uma janela para esta “nuvem”. Nas mãos de profissionais de saúde em atuação no campo de trabalho, o aparelho abre muitas possibilidades e pode viabilizar, por exemplo, cursos de educação profissional continuada ou web conferências com especialistas em determinados assuntos. O dispositivo pode ser utilizado tanto pelos profissionais como também por universitários, em qualquer ambiente, hospitalar ou não. “O Tablet da Saúde trabalha com o conceito de saúde móvel. Além de reprodu-

ção dos conteúdos, o dispositivo pode trabalhar também de maneira autônoma. Ele tem a capacidade de funcionar como uma máquina fotográfica que registra uma determinada situação problema. Com acesso à internet, esta imagem poderia ser enviada para profissionais especializados alocados em algum centro de referência que poderiam fornecer um grande suporte para o médico que está em campo”, explica o médico Chao Lung Wen, chefe da disciplina de Telemedicina da FMUSP.

PROJETOS-PILOTO

Como pode ser usado de vários modos, o Tablet da Saúde está focado hoje em três projetos-piloto. Os primeiros testes começarão em maio, em parceria com outras disciplinas da FMUSP e também com instituições fora da USP, como as Secretarias de Estado da Saúde e da Segurança Pública. A disciplina de Telemedicina atuará em conjunto com serviços de saúde, dentro e fora do ambiente hospitalar, focados em “Atenção Primária”, “Saúde do Idoso” e “Emergências”.

Em março, a FMUSP formou também outra aliança para o desenvolvimento deste projeto. A **Telefônica Vivo** passou a ser parceira da USP. Um dos objetivos da cooperação é compartilhar a excelência do conhecimento acadêmico e científico da FMUSP com todo o país, contribuindo para o fortalecimento da assistência à saúde brasileira. Para alcançar este propósito, está em estruturação o Programa de Valorização dos Profissionais de Saúde por Educação Interativa à Distância e Teleas-

sistência, que utilizará recursos de Tecnologias Educacionais Interativas (TEI) em dispositivos móveis (mobile-health) como tablets, smartphones e ultrabooks, organizando o processo de educação em qualquer lugar e a todo momento (conceito da Educação 3.0).

Inicialmente, a empresa forneceu 60 chips 3G Plus, que serão diretamente utilizados nos primeiros testes. Segundo Wen, a aliança formada com a Telefônica Vivo é importante para a FMUSP e, mais especificamente, para o projeto do “Tablet da Saúde”. Mas não apenas pelo fornecimento dos chips. “Certamente, teríamos condições de adquiri-los por conta própria. A aliança é muito importante sim pela possibilidade de expansão dos recursos tecnológicos para a ampliação do projeto. Temos de saber exatamente quais os benefícios efetivos que a tecnologia atual pode oferecer. Para a Telefônica Vivo, também é um aprendizado importante, para adequação dos seus produtos para as necessidades da saúde brasileira”, explica.

TELEMEDICINA

A disciplina de Telemedicina conta hoje com a colaboração de profissionais de diversas áreas, como design gráfico 3D, design de comunicação educacional (comunicação digital e audiovisual) e tecnologia da informação e, há mais de dez anos, trabalha na produção de conteúdos. Wen afirma que o objetivo destes primeiros testes é garantir que o Tablet da Saúde possa chegar, em um futuro próximo, às mãos de todos os profissionais de saúde brasileiros. “A FMUSP tem hoje 1.500 vídeos educacionais de alta qualidade, produzidos por seus dois Centros de Produção Digital. Por que não valorizar isso? Queremos mostrar para o governo que o Tablet da Saúde, como parte do Programa de Acessibilidade Digital em Saúde (PADS), é viável e pode ser um importante aliado para a promoção da saúde no Brasil. Mais do que isso, o dispositivo pode representar a recuperação do orgulho para os profissionais de saúde no País”, conclui Wen.





q quitanda.com.br

Soluções integradas fazem muito bem à vida

Integrar é uma das maiores necessidades da vida. A Vert possui mais de 15 anos de experiência em transformar ambientes públicos e privados em locais totalmente funcionais e seguros. Está na hora de profissionais de saúde se preocuparem apenas com a saúde. O que faltar, a Vert cuida, para o bem de todos.

vert.com.br

Vert Brasília
SHS Qd 6 CJ A BL A
salas 403 e 404 - Asa Sul
Centro Empresarial Brasil 21
CEP: 70316-102
vert@vert.com.br
+55 61 2103.1000 (fone)
+55 61 2103.1024 (fax)

Vert São Paulo
R. Luigi Galvani 42
CJ 25/26 Edifício Berrini Sul
Brooklin Novo
CEP: 04575-020
vertsp@vert.com.br
+55 11 2928.2928 (fone)
+55 11 2928.2924 (fax)

Vert Rio de Janeiro
Av. Graça Aranha 226
salas 701/702/103
Rio de Janeiro-RJ
CEP: 20030-001
verttrj@vert.com.br
+55 21 2282.1246
(fone/fax)

Vert
SOLUÇÕES EM TIC



SAÚDE É UMA QUESTÃO DE TODOS

Por Francisco Balestrin*

A saúde voltou a ocupar as principais manchetes do País nos últimos dias. Notícias de que o governo federal está estudando um pacote de medidas para o setor reacenderam um debate importante para toda a sociedade. Entre os temas, redução de impostos, maior financiamento para melhoria da

infraestrutura hospitalar, solução da dívida das Santas Casas, além da ampliação do acesso aos planos de saúde privados, com uma eventual redução de preços.

Não é de hoje que o fato de a saúde suplementar apresentar uma ampla expansão em sua estrutura e nos serviços prestados à população chama a atenção. Afinal, com

crescimento de mais de 50% desde 2003, o setor atingiu a marca de 48,6 milhões de beneficiários, de acordo com dados da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS). O cenário resultante desses números não tem sido, no entanto, exatamente favorável ao cidadão portador de planos de saúde.

Na tentativa de cobrir possíveis lacunas

deixadas pelo setor público, o que tem sido visto são inúmeros questionamentos sobre situações críticas relativas ao atendimento cada vez menos satisfatório para grande parte dos usuários desses planos. Diariamente acompanhamos os noticiários com informações sobre demora no atendimento médico, falta de leitos e lotação das urgências e emergências nos hospitais, dificuldades para marcação de consultas, cirurgias e exames complementares e, muitas vezes, simples negativas de atendimento.

Toda essa problemática se agrava a partir do momento em que as medidas para evitar os transtornos são estudadas apenas depois que os problemas ocorrem. Se confirmadas as negociações, que estariam sendo conduzidas pela própria presidente da República, por ministros de Estado, integrantes da área econômica e alguns representantes das principais operadoras de planos de saúde do País, há que lamentar a ausência da sociedade e, principalmente, das instituições organizadas e representativas do setor nesse importante debate.

Para um tema de tal monta e avassaladores impactos em todo o sistema não há como restringir a discussão a alguns, uma vez que o assunto afeta a todos. É imprescindível a sua institucionalização. Afinal, não é só a saúde pública que está em jogo. A sustentabilidade do setor privado, também.

Enquanto o número de usuários de planos de saúde cresceu, em média, 5% ao ano desde 2007, cerca de 5% dos leitos privados em nosso país foram fechados no mesmo período (16.290 leitos). Isso significou o fechamento de 286 hospitais privados (quase 60 fechados ao ano, ou cinco ao mês, ou ainda um a cada semana!), de acordo com o Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde do Ministério da Saúde.

As razões para essa redução residem, entre outros motivos, na dificuldade de remuneração tanto pelo Sistema Único de Saúde (SUS) quanto pelos planos de saúde, na

má gestão, na falta de estímulo governamental e também nas dificuldades de investimentos dos hospitais, impactados pela alta carga tributária do setor, que cresceu duas vezes e meia o valor da inflação dos últimos dez anos.

Atualmente, o setor de hospitais privados emprega mais de 2 milhões de pessoas, gera mais 1 milhão de postos de trabalho indiretos e atende quase 50% da população brasileira, se considerarmos que parte do atendimento do SUS é realizada em hospitais privados, sejam eles com ou sem fins lucrativos.

Além de medidas focadas na organização do sistema, as autoridades sanitárias precisam estender a visão não só ao setor público, mas também ao privado – responsável por 55% do valor do produto interno bruto (PIB) gasto em saúde em nosso país. Afinal, a saúde não é pública nem privada, mas, sim, um direito do cidadão.

O setor prestador de serviços, que é o que vai atender à eventual demanda criada – ou, parafraseando Garrincha, “o beque russo” com quem é preciso combinar antes, está à disposição para contribuir num debate institucional focado na resolução dos problemas de todos os brasileiros, consumidores de saúde. Logo, é possível notar que todos os temas estão interligados: não bastará um pacote governamental de ampliação de vagas nas escolas médicas, como não será possível prever um aumento da oferta de planos de saúde a preços baixos, que atenderiam a população de menor

renda, sem uma real perspectiva de como e onde esses atendimentos serão realizados.

Erra quem pensa que o atendimento deficitário do sistema público seja positivo para o sistema privado. Ao contrário, esse déficit provoca o desequilíbrio na demanda por serviços de saúde em curto prazo, ocasionando falta de qualidade. Do mesmo modo, ter um plano de saúde não garante atendimento oportuno e adequado na rede de prestadores disponíveis, especialmente das grandes cidades.

O atendimento à saúde de qualidade é um direito do cidadão e deve ser entendido como essencial à condição humana. Dessa forma, é preciso, mais do que nunca, um amplo debate com o objetivo de unir esforços entre o sistema público e o privado para encontrar soluções viáveis para a saúde brasileira.

O Estado precisa urgentemente repensar o tratamento dispensado à saúde, planejando o seu desenvolvimento dentro das possibilidades de atendimento, e ter maior atenção sobre a regulação das operadoras de planos de saúde, questionando a comercialização de produtos pouco confiáveis e não comprometidos com o acesso à qualidade e segurança assistencial.

O sistema privado de saúde também deve resgatar a sua condição existencial, preocupando-se, assim, com as questões relacionadas à gestão e às inovações tecnológicas. Voltar a ser uma opção do usuário, e não uma condição para receber os cuidados de saúde que deveriam ser ofertados pelo SUS.

*Francisco Balestrin é médico, administrador hospitalar, presidente da Associação Nacional de Hospitais Privados e presidente do Conselho Nacional de Gestão em Saúde da Federação Brasileira de Administradores Hospitalares - FBAH.



divulgação

A high-angle photograph of three professionals in an office. A man in a dark suit and tie sits at the top right, looking towards the camera. A woman in a grey blazer sits in the center, smiling. A woman in a white lab coat with a stethoscope sits at the bottom left, looking up. They are gathered around a dark wooden table with papers, pens, and coffee cups. A large window is visible in the background.

CARREIRA

O PAPEL DO ADMINISTRADOR NO MERCADO DE SAÚDE

Uma visão dos setores público, privado e filantrópico



As mudanças de perfil e da prática do Administrador Hospitalar frente às recentes perspectivas conjunturais do mercado de saúde contribuem para a emergência de novos conceitos em administração nas instituições hospitalares. A expansão de serviços de saúde, a gestão público-privada, a terceirização, o atendimento domiciliar e outros serviços exigem que a formação de novos profissionais seja direcionada e atualizada. Os desafios estão voltados para a continuidade dos futuros gestores, que estão se profissionalizando para atender uma demanda específica para cada segmento da área de saúde. **João Sabino** (Complexo Hospitalar Edmundo Vasconcelos), **Wilson Pollara** (Hospital das Clínicas da FMUSP) e **José Henrique Germann** (Hospital Albert Einstein) retratam o importante papel do administrador no mercado de saúde e seus principais desafios.

O ADMINISTRADOR HOSPITALAR DO SETOR PÚBLICO

“O administrador público tem de fazer mais com menos”. Vivendo essa experiência há 45 anos, o Prof. Dr. Wilson Pollara, Diretor Executivo do Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP, administra um dos maiores e mais conceituados complexos hospitalares do Brasil. Segundo o gestor, há um crescente nivelamento entre o atendimento oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e os planos privados. Diante deste cenário, Pollara defende uma visão cada vez mais estratégica à gestão pública, orientada para qualidade e excelência da gestão. “No setor privado, o administrador pensa em agregar valor ao produto para conseguir um preço melhor. No setor público, o administrador tem um orçamento fixo, e, deve diminuir custos pra conseguir fazer cada vez mais com menos dinheiro”. Apesar das diferenças estruturais entre os segmentos, o setor público vem adotando ferramentas consagradas pelo setor privado. “É preciso que o administrador pense nas ferramentas relativas ao acompanhamento da qualidade. Falta ao setor público aquele modo de enxergar do hospital privado, de economia, de eficiência, de indicadores, de acreditação”, conta.

Além da visão estratégica, Wilson Pollara cita como fator fundamental ao administrador hospitalar do setor público o networking político – interno e externo. “O profissional deve ter influência política, caso contrário não conseguirá nada porque tudo depende do secretário, do prefeito, da verba do ministério, etc. Não só deve ter influência política como também tem de conhecer os caminhos pelos quais os recursos chegam. Se ele não souber, por exemplo, sobre um programa especial do Ministério da Saúde para Emergência, ele

nunca terá aquele recurso para a emergência. É fundamental que ele esteja muito bem informado dos recursos disponíveis porque é um fator dinâmico, que muda a toda hora”, garante.

Como se consegue um profissional com um perfil tão dinâmico quanto este? O Diretor Executivo do Instituto Central aposta na formação dentro do próprio hospital público. “Não existe esse profissional pronto. Ele vai se estruturando conforme passa a viver àquele cargo. Formando-se dentro do serviço público, ele já conhece a realidade, já passou pelas dificuldades que o serviço enfrenta e sabe lidar mais facilmente com as situações”, garante.

Como Faculdade de Medicina, o Hospital das Clínicas também tem empenhado esforços para formar uma nova geração de administradores hospitalares. “Temos um programa em parceria com a Fundação Getúlio Vargas, chamado PROAHSA, que visa a formação de administradores hospitalares. Atualmente, contam 12 residentes do primeiro ano, e, outros 12 residentes do segundo ano sendo preparados. São os futuros gestores dos hospitais”.

DESAFIOS ATUAIS

Wilson Pollara acredita que um dos principais desafios do gestor público está na hierarquização da medicina. “Se não houver a hierarquização da assistência, a saúde pública irá quebrar. O paciente tem de ser visto pelo agente comunitário de saúde, pelo médico de família, pela UBS, pelo AME, pelo PAME, pela AME, pelo Hospital Primário, pelo Hospital Secundário, até chegar – por exemplo – no HC. Se você tem uma fila na sua porta, alguma coisa está errada. O paciente precisa ser encaminhado ao serviço que realmente precisa e não, apenas, no serviço referenciado”, explica.

A judicialização da saúde também preocupa. “Esta questão para o gestor público é terrível. Somos obrigados a comprar remédios caríssimos que não estão indicados para aquele caso, mas, o juiz determinou. Aqui no HC, temos uma despesa mensal muito grande por conta da judicialização e sofremos nesta questão como todos os outros hospitais. Gastamos mensalmente



Fotos: Banco de Imagens do HCFMUSP



cirurgia, pedir exame para poder ser remunerado. O médico tem de ser remunerado independente da produção que tem”.

Segundo ele, o *fee for service* (pagamento por serviço) é a pior forma de pagamento tanto para o médico, quanto para o hospital. “Um exemplo disso é que 96% dos exames laboratoriais têm resultado normal. Esse desperdício é reflexo da forma de pagamento. Não existe um protocolo que oriente como deve ser feito. Faltam ainda diretrizes para o setor público. O médico deveria seguir protocolos de atendimento. Se tudo estivesse orientado pela Medicina Baseada em Evidências, teríamos uma economia e eficiência muito grandes. Quando começarmos a trocar experiência com o outro e compartilhar influências e experiências, é desse compartilhamento que sairá a melhor prática”, conclui.

cerca de R\$ 1,5 milhão com as ordens judiciais”, lamenta.

Entre as soluções, o administrador aposta num maior diálogo com o Poder Judiciário e na implantação de Câmaras Técnicas. “Essa decisão não pode ficar exclusivamente na mão do juiz, nem da do médico. Temos de formar câmaras técnicas, onde teremos um especialista, um diretor de hospital, um fornecedor, pra que todos discutam o caso. O juiz não pode sozinho tomar a decisão, ele tem de estar assessorado”, acredita o diretor.

Para Pollara, outro ponto fundamental é a remuneração médica. “O médico hoje é remunerado pelo evento indesejado. É como se você tivesse uma empresa de segurança, e, só ser remunerado se pegar algum bandido. Ele fica girando nessa equação de fazer consulta, fazer

ESTUDOS AVANÇADOS EM ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR

O PROAHSA, Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde, é formado a partir de um convênio entre o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas e a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Os principais objetivos deste programa são: desenvolvimento de programas de ensino, pesquisa, preparação de publicações e assistência técnica, no campo da Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde. Entre os principais programas de ensino encontramos:

- Residência Médica em Administração em Saúde
- Aprimoramento Profissional em Administração em Saúde

*Fonte: HCFMUSP

O ADMINISTRADOR HOSPITALAR DO SETOR PRIVADO

A atuação do Administrador Hospitalar vem passando por grandes transformações. A principal mudança no setor privado ocorre em razão de uma competitividade cada vez mais acirrada. De acordo com João Sabino, Diretor Executivo do Complexo Hospitalar Edmundo Vasconcelos, é preciso que o profissional esteja atento aos movimentos e tendências do segmento. Em outras palavras, é preciso transformar as oportunidades em geração de grandes negócios. “Embora possa soar estranho, o Administrador Hospitalar é na sua essência o gestor de um grande negócio, onde temos como obrigação buscar sempre os melhores resultados para a sustentabilidade e manutenção da nossa instituição”, ressalta.

Para o Administrador Hospitalar que atua no segmento privado o desafio diário é manter uma gestão ética, fazendo com que todos estejam engajados com uma visão empreendedora, oferecendo aos clientes um atendimento diferenciado e de alta qualidade. “A competitividade do mercado acaba sendo a grande mola propulsora da atual mudança que observamos em nossos dias. Houve a necessidade de uma ação inovadora na gestão, com o objetivo de potencializar a performance e aumentar os resultados operacionais e de processos”, explica.

Nem sempre isso é uma tarefa fácil. De acordo com o executivo, o profissional da área de gestão em saúde, assim como em qualquer outra profissão, sai dos bancos acadêmicos com uma grande visão teórica, porém é no campo prático que encontrará a tempera necessária para alcançar os melhores resultados. “No Brasil, principalmente nos grandes centros, estamos percebendo uma profissionalização na gestão da saúde, observada nitidamente nos grandes Complexos Hos-

pitales, gerando uma melhora significativa e uma preocupação qualitativa na oferta dos melhores serviços à sua clientela”.

Sabino explica que o atual momento da Gestão Hospitalar no Brasil, principalmente levando em consideração os hospitais privados, cumpre o seu papel de transformar a gestão hospitalar em uma administração profissionalizada, com visão de Sustentabilidade e Expansão em grandes redes, com visão de abrangência regional e até mesmo nacional. “Não cabe mais no segmento de Saúde fazer uma gestão por afinidade ou simplesmente por laços familiares, sem que haja o conhecimento técnico e científico. Na gestão da saúde, para que se apresentem bons resultados, muitas vezes necessitamos que sejam adotadas medidas que nem sempre agradam a maioria dos envolvidos”, ressalta.

Para o executivo, esse cenário de mudança vem sendo corroborado pelos processos de Certificação de aferição da Qualidade por Institutos Nacionais e Internacionais. “Estamos caminhando para um processo de Excelência na prestação de Serviços e Resultados, também na área da Saúde”.

GESTÃO EFICAZ DOS CUSTOS

Como em qualquer ramo de atividade de negócio, é fundamental que o gestor tenha em mente o controle eficiente dos custos. “Devemos adquirir bem os nossos produtos e oferecermos em condições melhores ainda os nossos serviços”, ressalta. Para ele, nos grandes centros este processo parece bem consolidado em função da grande diversidade de fornecedores de produtos do segmento, porém é necessário dar essa mesma atenção às regiões desprovidas de abundância de ofertas. “Principalmente visto que nestas regiões a clientela é em menor quantidade, no entanto não menos exigentes e cientes dos seus direitos básicos”.

Em sua visão, o Gestor Hospitalar tem a obrigação de vivenciar a sua gestão com dedicação de forma integral. “Temos que respirar esta gestão durante as 24 horas do dia, sete dias por semana, assim como é por essência a atividade hospitalar, estar presente o tempo todo partilhando



João Sabino, Diretor Executivo do Complexo Hospitalar Edmundo Vasconcelos (SP)

divulgação

suas ideias e crenças. Os grandes desafios enfrentados diariamente pelo gestor concentram-se em manter uma atividade harmoniosa, pois temos uma cadeia enorme de profissionais voltados para oferecer a melhor prestação de serviços aos nossos clientes”, lembra João Sabino.

É preciso, lembra o executivo, minimizar custos e potencializar resultados de modo a equacionar as bases contratuais pactuadas com os tomadores de serviços. “Estamos inseridos em uma grande rede de credenciados à disposição dos segurados. Considerando as mudanças e o cenário econômico pelo qual nosso país vem atravessando, o grande desafio ainda a ser perseguido, para os gestores hospitalares, consiste em encontrar o seu ponto de equilíbrio na Sustentabilidade do negócio, frente à competitividade mercadológica”, conclui o executivo.



**É com orgulho
que exibimos nossos
selos de qualidade!**



As normas ISO 9001:2008 e ISO 14001:2004 já fazem parte da nossa história.

Em busca da excelência na prestação de serviços, obtivemos a certificação ISO 9001:2008 para os processos da Central de Compras, sistema que abastece unidades de saúde em todo o Brasil. Também avançamos e aprimoramos nossa gestão ambiental.

Com a Norma ISO 14001:2004, conseguimos a certificação dos processos nas sedes Social e Administrativa da Pró-Saúde.



O ADMINISTRADOR HOSPITALAR DO SETOR FILANTRÓPICO

Com um segmento em constante mudança, as necessidades dos pacientes e profissionais sofrem modificações ao longo do tempo. A consequência é que o próprio hospital, seus investimentos e sua gestão devem acompanhar este processo evolutivo. Para José Henrique Germann Ferreira, Diretor Superintendente do Instituto Israelita de consultoria e Gestão do Hospital Albert Einstein, o papel do administrador hospitalar que atua no setor filantrópico tem os mesmos desafios e outros mais, onde a máxima é sempre fazer mais com menos.

Para o executivo, o principal deles é pensar o mais globalmente possível. “Para tanto, o profissional deve se valer das ferramentas clássicas de planejamento, orçamento, determinação de objetivos, busca de resultados e alcance de metas e principalmente gestão de pessoas”, explica.

Não é só o perfil do mercado que tem se alterado. Germann acredita que o grau de profissionalização do administrador hospitalar vem se alterando ao longo do tempo, com maior especialização e dedicação exclusiva à atividade administrativa. “O país tem dimensões continentais e isto causa distorções em todos os segmentos, com a formação de profissionais dos mais variados e distintos graus de competência. É fundamental para o Administrador Hospitalar uma formação sólida, com aderência aos princípios da ética, da ética médica e da justiça social. A partir daí se desenvolvem os demais preceitos da sustentabilidade e da gestão em busca da perenidade institucional”, garante.

O envelhecimento da população e o avanço tecnológico geram custos progressivos e crescentes no âmbito da atenção à saúde. “O maior desafio para o futuro próximo será como adequar novos custos e novas necessidades sem alterar o equilíbrio e a sustentabilidade do sistema”, conclui.

“É fundamental para o Administrador Hospitalar uma formação sólida, com aderência aos princípios da ética, da ética médica e da justiça social. A partir daí se desenvolvem os demais preceitos da sustentabilidade e da gestão em busca da perenidade institucional”



Um novo conceito em conforto e bem-estar para o banho no leito.

Flexcare

Prático para a enfermagem,
humanizado para o paciente.

O Flexcare é um inovador sistema de ducha móvel, desenvolvido para promover cuidado e higiene ao paciente acamado, substituindo o banho tradicional pela mais nova tecnologia de higienização no leito.

Um equipamento diferenciado, que traz benefícios para o paciente e para a equipe de enfermagem, promovendo uma completa higienização. Com poucos movimentos e de forma rápida e fácil, o novo sistema permite um banho confortável, com temperatura constante sem causar incomodo ao operador e ao paciente assistido.

Conheça todos os benefícios para a
enfermagem e para o paciente em:
www.flexcare.com.br

flexcare 

Para adquirir o Flexcare:
comercial@flexcare.com.br

11 4362.4775
4362.3681

Powered by 
GADE

PARCERIAS PÚBLICO-PRIVADAS NA SAÚDE



Cada vez mais comuns no Brasil, as Parcerias Público-Privadas – conhecidas pela sigla PPP – têm se intensificando na área da saúde. Implantação, ampliação, melhoramento, reforma, manutenção, gestão de infraestrutura, prestação de serviços públicos, entre outras atividades são efetivadas ou otimizadas mediante acordo contratual entre gestores do setor público e do privado. Por intermédio desta modalidade, o poder público contrata empresas que serão responsáveis pela prestação de serviços de interesse da administração. A premissa é de que a iniciativa privada tem condições de gerir alguns serviços de modo mais eficiente, com menos riscos, o que implicará no melhor uso de recursos públicos.

Na área da saúde, bilhões de reais são movimentados por ano com as PPPs e OSs, no Brasil. Somente com os hospitais públicos, que são de alta complexidade e com número de leitos não inferior a 200, estima-se que o Estado de São Paulo – por exemplo – gaste anualmente algo em torno de R\$ 2,5 bilhões, que são repassados para as entidades sem fins lucrativos, qualificadas como Organizações Sociais (OSs). Somados os valores repassados por outros Estados e municípios, a cifra pode passar de R\$ 6 bilhões por ano.

Em quaisquer modelos de colaboração entre a Administração Pública e a iniciativa privada (PPP ou OS) quem define as áreas, locais, amplitude da parceria e regras para o relacionamento é o Poder Público, de acordo com sua conveniência e interesse.

O início do processo de aproximação entre o Poder Público e a iniciativa privada se dá por meio de edital. Neste documento se prevê todas as informações, condições, regras, prazos, valores e minutas dos instrumentos jurídicos que regerão o relacionamento entre as partes, de forma a propiciar às empresas e às entidades privadas a análise de viabilidade do negócio para que possam decidir se o projeto é de interesse comum e, a partir daí, participar ou não dele.

Decidida pela participação, caberá à iniciativa privada cumprir as regras e os prazos previstos no edital, visando a concretização do negócio – do ponto de vista jurídico. São as diversas “regras” previstas no edital que ditarão o diverso caminho a ser percorrido pela iniciativa privada.

HISTÓRICO

As Parcerias Público-Privadas (PPP), entendidas como àquelas previstas na legislação federal, estadual e municipal, apesar de quase uma década de existência, ainda são pouco representativas e tímidas, principalmente se comparadas com o modelo das Organizações Sociais. A sistemática gerencial das Organizações Sociais está efetivamente implantada no Brasil desde 1998, quando as leis federais e a do Estado de São Paulo foram editadas. Em nível federal, porém, o sistema ainda é pouco implementado, uma vez que a sua lei tem destinação diferente das que foram posteriormente criadas pelos demais entes políticos. “Isso porque a lei federal parte da premissa de extinção de órgãos públicos e a sua transformação

DIFERENÇAS JURÍDICAS

Concessão de Serviço Público - A concessão de serviço é um conceito teórico e consiste na delegação de sua prestação, feita pela Administração Pública, mediante licitação, à pessoa jurídica ou consórcio de empresas que demonstre capacidade para seu desempenho, por sua conta e risco e por prazo determinado, conforme definido pela Lei federal n. 8.987/95, que regulamentou o artigo 175 da Constituição Federal.

Parcerias Público-Privadas – Refere-se especificamente à modalidade contemporânea de parceria escolhida pela Administração Pública para prover serviços públicos e infraestrutura, que foi criada e é regida pela Lei federal 11.079/04. A legislação define Parceria Público-Privada como um contrato administrativo de concessão de serviços públicos. No modelo das PPPs, a iniciativa privada assume a responsabilidade pelo financiamento e investimento de recursos financeiros, que deverão ser remunerados em longo prazo, de alguma forma, podendo se dar com a operação da estrutura criada.

Organizações Sociais - As Organizações Sociais (OS), diferentemente, são entidades sem fins lucrativos que receberam essa titulação ou rótulo (Organização Social) do Poder Executivo, depois de cumprirem os requisitos que foram definidos pela lei. Após receberem essa qualificação, as entidades estão aptas a firmarem com o Executivo um instrumento jurídico de colaboração chamado de Contrato de Gestão (ou de Gerenciamento), que identificará as obrigações e os deveres de ambas às partes. Neste modelo, a iniciativa privada (as entidades sem fins lucrativos) não investe recursos financeiros, que são integralmente repassados pelo parceiro público. A atuação da primeira reside no oferecimento de sua expertise profissional na otimização dos equipamentos públicos que lhe são cedidos para que desenvolvam sua atividade gerencial.

“Gestores públicos têm se mostrado simpáticos à ideia de contar com experiência, expertise e profissionalismo da iniciativa privada para ajudar na execução das atividades necessárias para o atendimento da população”

em associações civis, enquanto as leis estaduais e municipais partem da premissa de parcerização com associações civis sem fins lucrativos já existentes e experientes na sua área de atuação”, explica Josenir Teixeira, Diretor Jurídico da Pró-Saúde, Associação Beneficente de gestão de serviços de saúde e administração hospitalar.

O pioneirismo na adoção deste modelo de parceria de gerenciamento (OS) é do Estado de São Paulo, não só na área da saúde como também na cultura, educação, esporte e outras. Hoje, quase quarenta hospitais públicos estaduais de São Paulo são gerenciados por entidades sem fins lucrativos que foram qualificadas como Organizações Sociais, além de dezenas de AMEs (Ambulatórios Médicos de Especialidades) e vários outros equipamentos do Estado.

Para Josenir Teixeira, é possível incorporar os interesses do estado e da área privada desde que as regras sejam escritas de forma clara e objetiva. “E, mais importante, que as partes cumpram rigorosamente todas as obrigações previstas nos instrumentos jurídicos, principalmente o Poder Público”, explica.

GARANTIAS AO INVESTIDOR

No modelo das Parcerias Público-Privadas (PPPs) regidas pelas leis federal, estaduais e municipais há a figura do Fundo Garantidor, cujo objetivo é o de justamente prestar garantia de pagamento das obriga-

ções pecuniárias assumidas pelos parceiros públicos. No entanto, explica Teixeira, algumas PPPs não saem do papel justamente porque os investidores privados não se sentem seguros com as garantias que são oferecidas, que consideram insuficientes e frágeis. “É o caso do município paulistano, por exemplo, que pretendia se valer dessa metodologia para construir três e reformar seis hospitais, projeto que foi estimado em R\$ 6 bilhões, na gestão anterior”.

Já no modelo das Organizações Sociais não há investimento da iniciativa privada, sendo que todos os custos de operação e investimento são integralmente repassados pelo Poder Público. “As entidades que aceitam firmar parceria com o Poder Público estão extremamente vulneráveis aos atrasos e descumprimento dos contratos por partes da Administração Pública, o que faz com que muitas delas desistam de continuar com o relacionamento ou, em casos mais extremos, o inadimplemento provoca até o fechamento da entidade, diante do seu esfacelamento financeiro”, revela.

PRINCIPAIS DIFICULDADES

A maior dificuldade para ampliação de novos projetos é a insegurança jurídica que os modelos (PPP e OS) significam para a iniciativa privada. “A burocracia dos modelos precisa ser aprimorada, de forma a trazer mais equilíbrio na relação

jurídico-econômica entre o Poder Público e as empresas ou entidades privadas. Não sou contra a burocracia, pois, em última análise, ela protege as partes. Porém, não adianta a Administração Pública repassá-la inteiramente para a iniciativa privada. Além de ilógico, os privados não se interessarão na colaboração, pois isso não está no seu DNA, que é muito mais dinâmico”. De acordo com Teixeira, o Poder Público precisa da expertise profissional e resolutividade da iniciativa privada e ele não o terá se insistir na manutenção da rudimentar burocracia que o norteia. “A sociedade precisa entender isso e contribuir para a interpretação dos novos tempos e saber ler a sua evolução. Não só a sociedade, mas o Poder Executivo tem de deixar de ser omissor e passar a defender este relacionamento, do qual ele se beneficia intensa e diretamente”, ressalta.

EXEMPLOS EM FUNCIONAMENTO

Há projetos exemplares de utilização da sistemática legal das PPPs nas áreas da saúde em São Paulo/SP (construção e reforma de hospitais) e no município de Salvador/BA (Hospital do Subúrbio), em Belo Horizonte/MG (construção, reforma e operação de centros de atenção básica), fabricação, produção e distribuição de medicamentos (no Estado de São Paulo), irrigação do semiárido nordestino (Petrópolis/PE), educação e infraestrutura, como sistemas viários, rodovias, presídios, hidrelétricas, saneamento básico, rede de transmissão da TV pública digital, portos, estádios de futebol (Fortaleza/CE) e ferrovias, dentre outras. “Normalmente, os projetos de PPP nunca são inferiores a R\$ 20 milhões, pois eles são utilizados para grandes obras. O município de São Paulo, por exemplo, pretendia gastar R\$ 3 bilhões

Produtos para Estomia

- Bolsas para estomia intestinal ou urinária disponíveis nos tamanhos adulto, pediátrico e neonatal de 1 ou 2 peças.
- Barreiras de resina sintética apresentadas em pó, pasta, anéis, tiras e placas.
- Desodorante / lubrificante, cinto e clamp para bolsa de estomia.
- Curativos apresentados em hidrocolóide e alginato de cálcio e sódio.
- Fixador de tubo endotraqueal e de alimentação.

Distribuidor Hollister exclusivo em São Paulo



 **Hollister**

Carro térmico para transporte de alimentos



Happy Cart AC-HC18

O único carro no Brasil, com design inovador e exclusivo, que permite o transporte de refeições quentes e frias servidos na mesma bandeja.

Redução de custos para os Hospitais. Agilidade na distribuição, mantendo a temperatura ideal até a entrega da última refeição.
Distribuição mais rápida.
Fácil de usar e muitos outros benefícios.

 **MYUNGSE CMK**



Plasmacluster ig820
Esterilizador de ar com ions

SHARP



Papel de impressão térmica
e Impressoras

SONY



(11) 5589-2307

Mediteq Comercial Ltda | Rua Graúca, 449 Cep: 05626-020 - São Paulo - SP - Brasil

na reforma e construção de seis hospitais”, revela o diretor da Pró-Saúde.

Segundo ele, os gestores públicos têm se mostrado simpáticos à ideia de contar com experiência, expertise e profissionalismo da iniciativa privada para ajudar na execução das atividades necessárias para o atendimento da população. “Além disso, a utilização dos modelos de parceria, de formas próprias, permite a superação de alguns obstáculos legais que, na prática, engessam o administrador público e impedem que ele realize seus interesses no tempo e na forma desejada”.

A realização de obras públicas pelo modelo tradicional, ou seja, diretamente pelo Poder Público e seguindo à risca o previsto na Lei de Licitações, está aquém da evolução da sociedade e a modernidade com que o mercado trabalha e exige atualmente. “Além da enorme burocracia que deve ser enfrentada pelos entes políticos, os recursos financeiros destes nem sempre são suficientes e não permitem investimentos de grande monta, haja vista o alto custo das várias despesas relativas ao seu próprio custeio, principalmente com a folha de pagamento”, ressalta Teixeira.

Outro ponto importante é que os projetos costumam ter um custo menor em sua implantação, e, conseqüentemente são melhores aproveitados. “A questão de ser mais barato não é necessariamente o foco, mas, invariavelmente, também o são.

Tudo depende da extensão, resolatividade e qualidade que o parceiro público quer empregar no equipamento que pretende ceder para a iniciativa privada. Qualidade custa dinheiro e nem sempre é possível substituir o recurso financeiro pela criatividade”, conta.

IMPASSES

O grande impasse para a utilização da parceria entre o Poder Público e a iniciativa privada é a falta de segurança jurídica, principalmente no caso das Organizações Sociais. “Este modelo é criticado ferozmente por ultrapassados que defendem a (falsa) impossibilidade de o Estado abrir mão da execução direta de determinadas atividades, como a saúde, por exemplo. A Constituição Federal prevê outra coisa, mas liminares pululam no país reconhecendo posturas míopes de autoridades defasadas. Como o Judiciário é muito lerdo para resolver os impasses, a situação vai se arrastando e assustando os integrantes da iniciativa privada.

Para dar uma ideia, existe uma ADIN (Ação Direta de Inconstitucionalidade) tramitando no Supremo Tribunal Federal desde 1998, há 15 (quinze) anos, que discute a constitucionalidade da Lei federal n. 9.637/98, que trata das Organizações Sociais. É quase inacreditável, mas é a realidade” conta.

A controvérsia é gerada, explica Teixeira, por “pensadores retrógrados que se recusam a aceitar a evolução dos tempos e a necessidade de os entes políticos modernizarem a sua forma de gestão e de tratamento do cidadão, que está cada vez mais exigente”. Baseiam-se em princípios e normas antigas, ainda não reformadas em razão da inércia do Poder Legislativo. “Os avanços devem ser associados a mudanças nas normas jurídicas que regem as parcerias e, principalmente, na definição pelo Poder Judiciário a respeito do assunto, pois só assim os impasses terão fim. Enquanto isso não acontece, os componentes da iniciativa privada continuarão a correr riscos muito altos e preocupantes, o que causa insegurança jurídica de tal monta que alguns aca-

bam desistindo de colaborar com o Estado, o que faz com a população, de novo, deixe de contar com melhores serviços”, ressalta o diretor da Pró-Saúde, Josenir Teixeira.

PRÓ-SAÚDE

A Pró-Saúde foi qualificada como Organização Social por quase três dezenas de entes políticos, estaduais e municipais, e com eles firmou parceria para empregar a sua expertise em gestão hospitalar e de serviços de saúde em prol da melhoria do atendimento da população. “A melhoria dos serviços, a partir da atuação da Pró-Saúde, se prova por meio dos vários prêmios ganhados pela instituição, em claro reconhecimento da eficiência de sua gestão”, explica Teixeira.

O primeiro hospital público do Estado do Paraná (Hospital Municipal de Araucária) a ser acreditado pela ONA (Organização Nacional de Acreditação) nos níveis 1 e 2, em 2010, é administrado pela Pró-Saúde. Este mesmo hospital foi o primeiro da região Sul, e o 2º do Brasil, a publicar relatório de sustentabilidade usando a metodologia da GRI (Global Reporting Initiative). Também foi o primeiro do segmento a receber o Prêmio Paranaense da gestão da qualidade. “Além deste, os hospitais administrados pela Pró-Saúde localizados em Cubatão/SP, Altamira, Marabá e Santarém, estes no Pará, também foram acreditados pela ONA”, conta.

Para o diretor da Pró-Saúde, o Brasil padece de gestão. “Vivemos um apagão profissional em várias áreas, mas principalmente na administração, pois a faculdade forma um ‘especialista em faz-tudo’, com visão generalista, o que sabidamente não dá certo neste mundo tão avançado e exigente de hoje”, conta.

Investindo em Segurança



A B. Braun promove através do constante diálogo com médicos e especialistas de saúde o desenvolvimento de produtos e serviços que tem como um dos principais objetivos contribuir para a segurança do ambiente hospitalar, com máxima eficiência para o paciente, o mínimo de risco para o profissional de saúde e a redução da geração de lixo hospitalar. Em seu portfólio, possui uma linha exclusiva voltada para a segurança, de cateteres a materiais de desinfecção e higiene.

B. Braun Brasil | www.bbraun.com.br

Siga a B. Braun nas Redes Sociais:

facebook

YouTube

twitter

/bbraunbrasil | /bbraunbrasil | @bbraunbrasil

B | BRAUN
SHARING EXPERTISE



ISO 9001 ISO14001 OHSAS 18001

PROJETOS DE ENGENHARIA E GERENCIAMENTO DE OBRAS

Projetos de Engenharia

Instalações elétricas • Instalações eletrônicas • Instalações hidrossanitárias • Instalações de prevenção e combate a incêndios • Instalações de telecomunicações • Processos • Climatização • Utilidades • Instrumentação • Automação - BMS • Civil - Concreto e Metálica

Gerenciamento de Obras

Planejamento e controle de prazos • Orçamento e controle de custos • Coordenação de engenharia • Suprimentos • Gerenciamento de obras • Gestão de riscos



Hospital Alemão Oswaldo Cruz
São Paulo SP



Hospital Samaritano
São Paulo SP



Hospital Sirio-Libanês
São Paulo SP

São Paulo
Avenida Maria Coelho Aguiar 215 Bloco F 8º andar
Centro Empresarial de São Paulo 05805-000 São Paulo SP Brasil
tel +55 11 3747 7711 fax +55 11 3747 7700
www.mha.com.br mha@mha.com.br

Rio de Janeiro
Avenida das Américas 1155 sala 1201
Barra Space Center 22631-000 Rio de Janeiro RJ Brasil
tel +55 21 2111 9763 fax +55 21 2111 9842
adm.rj@mha.com.br

Chile
Rosario Sur 91 of. 306
Las Condes Santiago Chile
tel +56 2 229 8326 fax +56 2 202 2909
mha.cl@mha.com.br

MODELOS PROMISSORES

divulgação



Trazendo para o Brasil modelos e experiências que resultam na melhoria dos serviços de saúde e do setor social, a Gesaworld busca trazer novos conceitos de planejamento e gestão, baseados em exitosas experiências internacionais. De acordo com *Joan Castillejo Peña*, presidente da Gesaworld do Brasil, estes conceitos são adaptados às características próprias dos serviços assistenciais do país utilizando o que de melhor existe das duas visões. “Com isso temos apoiado Secretarias de Saúde de vários estados e municípios e até mesmo o Ministério da Saúde em projetos sempre inovadores e de grande impacto social”, ressalta. Em entrevista à revista **Administrador Hospitalar**, o executivo retrata o panorama atual das parcerias entre o poder público e o privado no Brasil.

Como o senhor vê o panorama atual das Parcerias Público-Privadas e as OSs na área de saúde brasileira?

O Sistema Único de Saúde do Brasil passa por problemas de difícil solução dentre eles podemos citar: a demanda crescente, os custos assistenciais que evoluem, a judicialização da saúde, a pouca integração entre os níveis de atenção, as ferramentas de gestão ultrapassadas e a baixa capacidade de investimento. A Administração Pública, incapaz de enfrentar estes problemas, vem buscando parcerias com setores organizados da sociedade civil. As Organizações Sociais há anos demonstram sua importância como ferramenta operacional do sistema de saúde. As Parcerias denominadas Público-Privadas estão neste momento começando a ocupar um importante espaço para atuar como coadjuvantes das Administrações Públicas neste enfrentamento.

São modelos promissores de integração entre público e privado?

Sim, não há dúvidas de que as Organizações Sociais e as empresas que constituírem Sociedades de Propósito Específico (SPE's) para contratarem com a Administração no modelo de Concessão Administrativa têm muito que contribuir para com o Governo.

Os aperfeiçoamentos que a expertise dessas Organizações podem proporcionar aos modelos de Gestão Pública, a capacidade de atuar de maneira ágil na solução de problemas, a introdução de remunerações variáveis e dependentes de metas de qualidade e produção são inovações que permitirão grande avanço.

Como combinar os interesses da estrutura pública com uma gestão privada?

A Administração Pública tem por dever indelegável cuidar da política de saúde, é ela quem determina quais ações devem ser executadas, cabe à administração

criar metas, indicadores, ferramentas de acompanhamento e fiscalização. A administração detém o conhecimento da demanda e é capaz de planejar e organizar o relacionamento entre setores e níveis de atenção, mas a operação deve ser executada por empresas que detêm ferramentas modernas de gestão, suportes informáticos, agilidade para a contratação, disponibilidade para treinamentos e investimento constante em melhorias. Este binômio certamente permite ganhos impensáveis no modelo de gestão direta. A sustentabilidade desse modelo está ligada a alguns fatores dos quais destaco: Investimento adequado às necessidades da população; Visão de longo prazo quanto ao financiamento e garantias; Acompanhamento e fiscalização por parte da Administração e da Sociedade das atividades da parceira quer Organização Social, quer SPE; Responsabilidade Social por parte dos parceiros.

O conceito das PPPs já está difundido entre os gestores públicos ou ainda responde a uma pequena parcela dessas lideranças?

Os Gestores do Sistema de Saúde estão buscando mais e mais informações sobre este tema, mas seu domínio ainda não é generalizado.

Em termos gerais, quais as principais diferenças e desafios entre serviços administrados na modalidade PPP e outro sob o esquema de obra pública tradicional?

Eu diria que a palavra mágica é Comprometimento. Em um contrato público tradicional, modelo da Lei 8.666, existe um compromisso com prazo definido, a Contratada entrega seu produto e se não tiver vícios ele passa a ser utilizado pelo poder público de maneira bastante predatória, como podemos ver nos nossos hospitais públicos de maneira generalizada.

Uma obra na modalidade PPP, com-

promete a SPE por um prazo longo, máximo 35 anos, durante este prazo, a empresa se responsabiliza por manter em perfeitas condições a obra e os equipamentos entregues, para isso terá que lançar mão de manutenções preventivas e corretivas e, principalmente, fornecer o que existe de melhor para não arcar com grandes gastos em manutenção.

Apesar do sucesso, existem muitas controvérsias em relação à continuidade de contratos e parcerias entre o setor público e privado, com infundáveis debates jurídico/judiciais. Como o senhor vê essa questão?

A Sociedade Brasileira está evoluindo, as expectativas da população estão mudando, as cobranças idem, a legislação deve se adaptar a esta nova realidade. Não existe um estado capaz de suprir todas as nossas necessidades. A sociedade deve contribuir não só pagando impostos, mas debatendo e forçando a administração pública a tomar as medidas que sejam de interesse da sociedade e não dos governantes.

Devemos nos espelhar nas experiências das outras nações que trilharam caminhos como este em momento anterior, aprender com erros e acertos e buscar nossa própria maneira de fazer. Criticar sem encontrar soluções não é um remédio adequado, já que falamos de saúde.

Politicamente, houve avanços nos últimos anos?

Certamente ocorreram importantes avanços. Antes da Lei das PPPs, não havia como se cogitar a realização de concessões comuns em matéria de saúde devido à obrigação da gratuidade dos serviços.

As Organizações Sociais trouxeram um grande e precioso questionamento à interpretação da Constituição (art. 199, §1º) mostrando que a iniciativa privada

poderia participar de maneira complementar ao SUS gerenciando e operando equipamentos de saúde. Este debate ainda não chegou ao final, mas como todo debate sempre trará grandes avanços no entendimento da matéria.

A empresa tem liderado projetos internacionais. Como esses exemplos poderiam ser aproveitados aqui?

São inúmeros os projetos de nossa empresa, vamos citar um exemplo inovador que entendemos está na vanguarda de um novo pensamento. Trata-se de nosso projeto de Rede Cuidados Continuados, que foi desenvolvido por nosso time de Barcelona implantado na Espanha e em Portugal com muito êxito.

Através de Implantação de redes de Cuidados Continuados ocorre a integração com todos os níveis de atenção ao paciente crônico, funcionando sob um adequado sistema de regulação e controle, permitindo ganhos para o paciente, sua família, seus cuidadores e para a rede de assistência. Muda-se a ótica dos profissionais de saúde de curar para cuidar. Aqui no Brasil estamos desenvolvendo projetos pilotos desse modelo em quatro Estados: Piauí, Paraná, Mato Grosso do Sul e São Paulo. Poderíamos ainda citar duas outras experiências que sua inovação e importância são perfeitas para o Brasil: uma na área de atenção primária na América Central e outra no âmbito da logística de medicamentos e materiais hospitalares desenvolvida em Atlanta, EUA.

Quais os projetos da empresa para 2013?

A Gesaworld define sempre suas linhas de atuação naquilo que entende ser importante para o sistema de saúde, neste momento estamos trabalhando focados em: Projetos que valorizam a atenção básica e as redes de atenção à saúde, estes no Brasil e na América Central.

“Devemos nos espelhar nas experiências das outras nações que trilharam caminhos como este em momento anterior, aprender com erros e acertos e buscar nossa própria maneira de fazer. Criticar sem encontrar soluções não é um remédio adequado, já que falamos de saúde”

Projetos que valorizam o acompanhamento e o controle de atividades contratadas, pois somente existirá sustentabilidade para os contratos de gestão.

Projetos que valorizam os investimentos públicos na área de logística de materiais e medicamentos, estes aqui no Brasil e nos EUA, Projetos de infraestrutura no modelo de PPP, visto que o financiamento de novos investimentos é essencial para o país neste momento.

Projetos inovadores que invertem a lógica da Consultoria em seu modelo tradicional, permitindo que pequenos municípios, ou entidades usufruam de nossa base de conhecimento através de ferramentas de comunicação à distancia, denominamos este projeto de e-Consulting. Como nos preocupamos com o setor da Saúde Complementar estamos trabalhando junto a entidades privadas um novo conceito de atenção à saúde do paciente crônico, este modelo inova o conceito da assistência transferindo o foco do curar para o cuidar. Vivemos em todo o mundo um momento onde a atenção às doenças crônicas merecem grande dedicação e planejamento, esse segmento pode trazer muitos problemas de financiamento para as entidades se não equacionado adequadamente.

PERFIL PROFISSIONAL

Joan Castillejo Peña é Licenciado em Medicina e Cirurgia pela Universidade de Barcelona (UB), pós-graduado em Gestão de Saúde e mestre em Economia da Saúde. Trabalhou no setor de saúde pública da Catalunha entre 1983 e 1998, ocupando diversos cargos de direção, entre outros, o de responsável pela Divisão de Cuidados de Saúde Primários do Serviço Catalão da Saúde e diretor dos Serviços de Cuidados de Saúde Primários de Barcelonès Nord, Maresme e Girona. Desde 1999, atua como consultor internacional, nomeadamente na América Central e no Brasil, em projetos de modernização de sistemas de saúde.



TruSystem 7500:

A Arte da Perfeição

Mesa Cirúrgica de Sistema "TRUSYSTEM 7500". Um novo conceito de mesa cirúrgica, onde a equipe clínica poderá retirar o tampo completamente da coluna para realização do preparo do paciente, bem como, realizar o transporte do paciente ainda sobre o tampo da mesa do centro cirúrgico para a área de pós-operatório.



Uma mesa completamente eletromotorizada que suporta até 360kg e conta com funcionalidades ilimitadas. A mesa comporta posicionamentos extremos de pacientes e possibilita ao corpo clínico a realização de qualquer procedimento cirúrgico, inclusive conta com tampos 100% em fibra de carbono para realização de cirurgia vascular.

RISCOS NA SAÚDE

Por Paulo Roberto Segatelli Camara*



“Há entraves que necessitam de providências urgentes, para que as parcerias firmadas entre Estado e instituições filantrópicas por meio de contratos de gestão possam permanecer, crescer e se fortalecer”

Em meio a denúncias envolvendo algumas organizações sociais, aumenta o risco à sobrevivência do setor filantrópico, maior parceiro do governo federal no Sistema Único de Saúde (SUS). A participação dos hospitais filantrópicos, responsáveis atualmente por cerca de 50% de todos os procedimentos realizados pelo SUS, é que permite ao Estado cumprir seu papel de garantir saúde a todos, conforme determina a Constituição de 1988. Desde a Antiguidade, entidades filantrópicas e ordens religiosas em nível mundial estão ligadas à assistência à saúde das pes-

soas mais carentes. No Brasil, são quase 500 anos de dedicação ao chamado atendimento assistencial. Os números falam por si: 2.100 entidades administram 3.135 unidades de atendimento no país. Dessas, 1.755 estão localizadas em municípios com menos de 30 mil habitantes. As filantrópicas garantem 10 milhões de consultas médicas e 7,5 milhões de internações por ano. Mantém 480 mil empregados diretos e outros milhares de postos indiretos de trabalho. O setor também é o maior cliente da indústria farmacêutica.

Historicamente, além do atendimento aos necessitados, algumas Santas Casas participaram do desenvolvimento dos estudos e pesquisas médicas desde a colonização. Em diversos estados brasileiros, foi delas a iniciativa de criar os primeiros cursos de medicina e enfermagem. Sobrevivendo exclusivamente de doações angariadas por seus provedores.

Integradas hoje ao Sistema Público de Saúde por meio de concorrências realizadas via licitações, essas instituições têm seus contratos de gestão submetidos a rigorosas auditorias dos órgãos fiscalizadores do Estado, o que garante transparência aos processos gerenciais sob sua responsabilidade, seja do ponto de vista financeiro ou quanto à qualidade do atendimento. No entanto, a defasagem entre o financiamento do Estado e a realidade de custeio dos serviços já chega a 40%, conforme a tabela do SUS que regulamenta o valor dos procedimentos médico-hospitalares.

Independentemente do seu prestígio, as enti-

dades encontram-se sufocadas pelo aumento de demanda em meio a questões de gestão, trabalhistas e atrasos de repasses pelos entes públicos. O desafio é superar um déficit que já ultrapassa a casa dos R\$ 11 bilhões, segundo dados da Confederação das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos (CMB).

Ainda que diversos problemas possam prejudicar a qualidade da prestação de serviços públicos de saúde, é por intermédio das instituições filantrópicas que processos administrativos hospitalares têm gerado resultados melhores a custos inferiores aos da administração direta, numa clara indicação da importância da parceria dessas instituições com os governos federal, estaduais e municipais. Sem falar nas creditações concedidas a hospitais públicos sob a administração das filantrópicas, no conhecimento e nas experiências bem-sucedidas repassadas ao Sistema Público de Saúde.

Contudo, há entraves que necessitam de providências urgentes, para que as parcerias firmadas entre Estado e instituições filantrópicas por meio de contratos de gestão possam permanecer, crescer e se fortalecer. É necessário afastar do debate quaisquer paixões e convicções ideológicas para aprofundar uma reflexão em nível nacional sobre a verdadeira qualidade da atuação das instituições filantrópicas na saúde pública. E, assim, identificar alternativas que garantam maior equilíbrio econômico-financeiro ao setor, cuja parceria com os governos federal, estaduais e municipais viabiliza a universalidade da atenção à saúde.



*Paulo Roberto Segatelli Camara é superintendente da Pró-Saúde Associação Beneficente de Assistência Social e Hospitalar

ANALGESIA PÓS-OPERATÓRIA

Como otimizar
os recursos
financeiros sem
comprometer
a eficácia do
tratamento?



Fale com um
consultor de vendas
da EMS Hospitalar.

divisao.hospitalar@ems.com.br

0800 191 222



hospitalar

AGENDA SUSTENTÁVEL NA GESTÃO HOSPITALAR



“A implantação de uma agenda focada na sustentabilidade ainda é vista como uma oportunidade de mercado na área hospitalar. Entretanto, as perspectivas indicam que inevitavelmente será um padrão a ser adotado e, mais do que isso, um diferencial competitivo”

Muitos gestores hospitalares ainda não se atentaram para a relevância da sustentabilidade. O cenário não é novo. Danilo Oliveira, Diretor Geral do Hospital Municipal de Araucária, no Paraná, revela que apesar de muitas instituições estarem focadas neste tema, ainda não há clareza na implantação de uma agenda sustentável no âmbito da saúde. “Ainda temos dificuldades em enxergar além de nossas fronteiras e olhar além dos nossos problemas crônicos como: subfinanciamento e falta de mão de obra qualificada. Grande parte de nossos gestores ainda não se atentou de fato para a relevância da sustentabilidade, e por isso, acaba atuando em ações pontuais ou voltadas essencialmente para o pilar financeiro”. Discutir este tema em qualquer empresa pode ser algo muito complicado – por ser abrangente e subjetivo. Por isso, Danilo Oliveira ressalta que é preciso buscar ações práticas e efetivas. “O primeiro passo para que os projetos saiam do papel é que o líder máximo da entidade esteja comprometido com o tema. Este comprometimento tem de ser efetivo e não somente no discurso. É necessário envolver as demais lideranças e, em seguida, iniciar ações que estejam alinhadas com o perfil da entidade e pos-

síveis de serem realizadas e mensuradas. Muitos líderes acreditam que trabalhar o tema implica em investimentos, mas há a possibilidade de iniciar com ações que não exijam grande investimento financeiro ou então buscar parcerias para viabilizá-las”. Um dos principais desafios dentro do âmbito da sustentabilidade é fazer com que os *stakeholders* entendam que estes projetos não são puro marketing e sim uma preocupação real do impacto no negócio e na comunidade. “Gerar consciência envolve educar e envolver as pessoas. Este envolvimento deve ser traduzido em ações e projetos práticos dentro da entidade. Com esta consciência, as pessoas começam a agir de forma sustentável, ou seja, preocupadas com o impacto financeiro, social e ambiental de seus processos”, ressalta Oliveira. Para ele, as dificuldades na implantação de uma agenda sustentável são para todos os portes de empresa. Entretanto, as pequenas e médias, por serem menores, têm pouca capacidade para realizar investimentos, mas, por outro lado, têm mais sucesso em sensibilizar sua equipe e seus *stakeholders*, por terem o contato mais direto com estes públicos. O que pode ser um grande obstáculo nas grandes empresas.

EXPERIÊNCIA DE SUCESSO

O Hospital Municipal de Araucária tem realizado um trabalho contínuo, passo a passo, que envolve a educação e mudança de visão das pessoas. “Quando começamos em 2009, acreditávamos que era necessário fazer algo diferente, pois até então nossos programas e ações estavam focados na economia de recursos financeiros. Isto limitava o entendimento das pessoas, pois o colaborador se perguntava: vou economizar para o hospital e ganho o que com isso? Na época, tínhamos uma Comissão de Redução de Custos que atuava nisso, e que atualmente ganhou o nome de Comissão de Gestão de Custos, atuando mais estrategicamente para utilizar os recursos de maneira consciente. Para as demais atividades, foi criado o Comitê de Sustentabilidade. Ou seja, até aquele momento nos preocupávamos exclusivamente em poupar recursos para a entidade e não para nossa comunidade e para o planeta. Este projeto permitiu que mudássemos nossa visão”, conta. Por exemplo, o hospital não trabalha com meta de redução de energia somente para economizar valores financeiros, mas pensando também nos benefícios que esta

atitude traz para o meio ambiente e para a sociedade. “Isso foi possível através de ações simples como apagar a luz quando não estiver na sala, a substituição gradativa de lâmpadas fluorescentes por lâmpadas de LED e instalação de sensores de presença nos vestiários”, conta.

Trabalhar o tema na área pública pode ser um desafio ainda maior. “Temos uma visão de que uma entidade pública, falando em especial de um Hospital, precisa tratar da saúde e da recuperação das pessoas, e isto é traduzido em investir na aquisição de insumos e recursos diretos que garantam este atendimento ou recuperação. Isso passa por uma questão de cultura da nossa população e dos nossos gestores públicos. É inusitado, por exemplo, ver um hospital público preocupado com o reflorestamento ou em reduzir pegada de carbono”, diz. O executivo ressalta que os padrões de avaliação da qualidade dos serviços de saúde têm começado a se preocupar com a questão da sustentabilidade e outras questões que o tema trata, como por exemplo, governança corporativa. “Nosso cliente/usuário também está despertando para isto, no sentido de valorizar os serviços de saúde preocupados com o assunto”, revela.

A IMPORTÂNCIA DA EQUIPE

Danilo Oliveira conta que o primeiro grande passo é começar o movimento de dentro para fora. “Não adianta, trabalharmos projetos ou ações sustentáveis na comunidade e nossa equipe não saber do que se trata tal ação. Estas ações têm que estar alinhadas com o negócio da entidade e com a preocupação de não perder o foco principal da atividade. Por exemplo, se nosso principal perfil de atendimento envolve maternidade, nossas ações sustentáveis têm de considerar e focar esta área”, explica.

Reportar todas as iniciativas e resultados aos



divulgação

Danilo Oliveira, Diretor Geral do Hospital Municipal de Araucária.

stakeholders também é fundamental. “Para isto, o mercado tem padrões bem definidos que podem nos auxiliar, como os indicadores de sustentabilidade padronizados pela ONG holandesa GRI (*Global Reporting Initiative*), adotados por empresas do mundo todo”, diz.

O Hospital Araucária criou um Comitê de Sustentabilidade, que tem representantes de diversas áreas, como corpo clínico, enfermagem, direção, entre outras, e é responsável pela definição dos projetos dentro do hospital. “O comitê está ligado diretamente ao diretor geral, inclusive com uma cadeira para o mesmo. Concomitantemente com a estruturação deste comitê, criamos nossa política de sustentabilidade, alinhados com nosso planejamento estratégico. Tivemos o cuidado de definir uma quantidade pequena de projetos, mas que estivessem alinhadas com nosso perfil de atendimento ou que atendessem demandas de nossos colaboradores”, explica. O Comitê é responsável por planejar, acompanhar os projetos e sensibilizar os profissionais.

Para apoiar o comitê, a instituição criou o setor de Sustentabilidade, que fica subordinado ao Núcleo de Gestão da Qualidade e é o braço executor do comitê. “Esta definição hierárquica teve como objetivo demonstrar que a sustentabilidade deve

estar presente em todos os processos de qualidade e não ser um setor à parte na instituição. Semestralmente divulgamos os projetos para todas as lideranças e parceiros como fornecedores”.

PROJETOS IMPLANTADOS

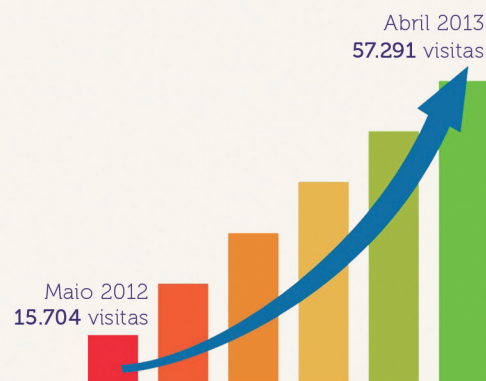
De acordo com o executivo, cada projeto tem um indicador de efetividade que é acompanhado mensalmente pelo Comitê. “Posso citar um projeto realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, chamado *Vale Vida*, que consiste em entregar uma muda de árvore nativa para cada criança que nasce em nossa maternidade. Os pais do bebê recebem junto com a muda um folheto informativo, explicando como plantar e cuidar da planta. Após um período, fazemos uma busca ativa ligando para a família a fim de saber se a muda foi plantada e cresceu. E qual a relação disso com o nosso negócio? Nossa cidade é um pólo industrial e nosso perfil epidemiológico é maternidade, seguido da clínica médica, onde o CID de doenças respiratórias é o segundo em prevalência. Desta forma, estamos contribuindo para



www.Vitrine Hospitalar
Guia de Produtos e Serviços
.com.br

Seus produtos sendo pesquisados e cotados por hospitais, clínicas médicas e secretárias de saúde em todo Brasil.

São mais de 800 instituições fazendo suas cotações diariamente.



Anúncie Aqui: (16) 3235.1812

Empresas parceiras:

AGFA Agfa HealthCare	Alternative Medical	MR Proteções Radiológicas	AntraPli Instrumentos	ATHENAS COMUNICAÇÃO COM A VIDA	BIO-RAD
BIOSENSOR	CIRÚRGICA EXPRESS	Cirúrgica Passos	CPL medical's	Dia Med A Division of Bio-Rad	Driller Med®
E. TAMUSSINO & CIA. LTDA Fundada em 1959	EMS	FANEM ®	Fokkus TRADE HOSPITALAR	Farmace ®	FERRARI MEDICAL
FLEXIMED	HALEXISTAR Indústria Farmacêutica	Hospimetal ® Tecnologia a serviço da vida.	INPROMED	LUPLATEX	marimar Grupos
MARLUVAS ® CALÇADOS PROFISSIONAIS	medicone Inovando para a Saúde	MEDINOVAÇÃO	MEDPEJ porque saúde é fundamental	MEDSONDA PRODUTOS PARA SAÚDE	Missner ®
multitone	NÚCLEO TECH MOVEIS HOSPITALARES	Pharmatex	PROTEC	ROMED	SCHIOPPA RODAS E RODÍZIOS DO BRASIL
SINCRON ® Chamadas de Enfermagem	Sismatec ®	SISNACMED Soluções em Saúde Uma empresa do grupo Helpmed	SUZUKI Tecnologia passada a limpo	WEM ®	WHITE MARTINS PRAXAIR INC

que as crianças da cidade morem em um local arborizado, que no futuro, poderá reduzir os casos de doenças respiratórias”. Outro projeto implantado pelo hospital é o de reciclagem de óleo. “Isto foi gerado pela necessidade que nosso comitê detectou de tratarmos adequadamente o óleo que sobrava na cozinha do hospital. Posteriormente, ampliamos o projeto para os colaboradores, que podem trazer de casa o óleo usado, recebendo em troca um sabão vegetal, produzido por um parceiro com o óleo coletado”, explica.

Já na área social, a instituição realiza um trabalho de orientação com adolescentes do município, que aborda assuntos focados em sexualidade e prevenção de gravidez na adolescência. “No município, há diversos casos de mãe adolescentes que, muitas vezes, podem gerar um nascimento prematuro ou parto complicado, aumentando os custos para a cidade e os riscos para mãe e para a criança”. Há ainda projetos em andamento, como o de “emprestar” bicicletas para os colaboradores irem ao trabalho, visando a melhoria da qualidade de vida; ou a compra de hortifrutti de produtores locais, possibilitando a logística reversa das sobras de alimentos usados no preparo das refeições, contribuindo para economia local e reduzindo os resíduos descartados.



“Este ano aumentamos um pouco nosso escopo de atuação, incluindo um projeto na área cultural. Isto foi possível através de uma parceria com a Secretaria de Cultura. Participamos de um projeto de leitura, no qual vários livros são doados pelos colaboradores e pacientes e ficam expostos em uma estante na recepção do hospital. Qualquer pessoa pode pegar o livro e ler, sendo orientado que devolva após a leitura na estante do hospital ou em outro ponto espalhado pela cidade, isto com custo zero para o hospital”, conta.

Mais um projeto de destaque é o de alimentação saudável para os funcionários, em especial os hipertensos e diabéticos, que fazem refeições balanceadas, acompanhados por nutricionistas. “Quinzenalmente, às sextas-feiras, os colaboradores da área administrativa e alguns da área assistencial são liberados 30 minutos antes do final do expediente para praticar uma caminhada no bosque do hospital”. Todos os projetos são acompanhados por indicadores, uma vez que a efetividade ou benefício de alguns destes projetos terão reflexos a médio e longo prazo. “O impacto na organização se dá na mudança de hábito da equipe, que conhece os projetos, vê os resultados e contribui com novas ideias”.

Para iniciar uma agenda sustentável, o diretor do Hospital Araucária, Danilo Oli-



veira, sugere que as instituições comecem por passos simples, mas de maneira focada e alinhada ao negócio. “Uma das premissas das empresas globalizadas é *‘pensar globalmente e agir localmente’*, e acredito que isto seja válido também para ações de sustentabilidade. Não é preciso ficar buscando novas alternativas – que já foram criadas. Temos hoje entidades sérias, como o movimento dos Hospitais Verdes e Saudáveis, vinculados à Saúde sem Dano da OMS, que define temas que podem ser trabalhados na área da saúde, ou ainda aderir ao movimento ‘Hospital Livre de Mercúrio’ ou o Pacto Global da ONU. Temos que começar, pois toda grande caminhada começa com um pequeno passo, então, andemos sem demora”, conclui.



Rastreabilidade



Acesso



Eficiência Energética



Automação



Vigilância

Soluções para Hospitais **NewRFID**

- Eficiência Energética:

Medição de energia, Otimização, Economia, Iluminação, HVAC, Energias Renováveis, Automação.

- Soluções em rastreabilidade utilizando RFID como:

Enxovais e roupa, RN (recém-nascidos), pacientes, staff, equipamentos de alto valor agregado como próteses, medicamentos controlados, ativos fixos, equipamentos de informática, inventário instantâneo (vigilância de ativos), rastreamento de documentos, controlar saídas de funcionários com determinados equipamentos e controle de produtos consignados em outros locais.

- Rastreabilidade integrada ao Controle de Acesso e Vigilância:

Permite a rastreabilidade dos equipamentos e ativo fixo em geral nos seguintes âmbitos: Inventário em curto espaço de tempo dos itens, identificação do último local por onde passou o item, quais pessoas estavam ao redor do item quando ele foi lido pela última vez, integração da imagem digital da última ocorrência do item, identificação de ativo fixo ou equipamento em área não permitida, desativação do acesso em áreas por motivo de emergência, habilitação de imagens gravadas pelas câmeras de CFTV no momento das ocorrências, e disponibilização online.

Newello Tecnologia. Soluções completas do tamanho de sua necessidade.

HOSPITAL AMIGO DO MEIO AMBIENTE

Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP



Unidades hospitalares que investem em projetos desenvolvidos que visam à preservação ambiental com a adoção de soluções práticas, efetivas e ecologicamente sustentáveis receberam o selo “*Amigo do Meio Ambiente*” do Governo do Estado de São Paulo. O prêmio é um reconhecimento da Secretaria da Saúde às iniciativas e projetos desenvolvidos por hospitais, institutos, fundações e autarquias que visam à preservação ambiental com a adoção de soluções práticas, efetivas e ecologicamente sustentáveis.

O Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP (IPq) é uma das instituições que se destacaram em ações de qualidade ambiental. Para a diretora, Andreza Miranda, é necessário mostrar às pessoas como é possível aplicar práticas conscientes no seu dia-a-dia, tanto no ambiente de trabalho, quanto no âmbito particular, demonstrando sempre suas vantagens sociais na preservação de recursos que, necessariamente, convergirão em resultados financeiros. “Isso ocorre porque as ações de sustentabilidade estão baseadas na racionalização do uso de recursos que geralmente oneram, direta ou indiretamente, todos os atores sociais”.

É um processo de longo prazo, visto que se trata, essencialmente, de ação educativa, ou reeducativa, aliado a uma mudança de atitude. “Apesar dos constantes apelos midiáticos e da torrente de informações diárias há uma grande dificuldade em transformar conceitos em mudanças de atitude e ações propriamente ditas. O IPq promoveu a campanha da Árvore da Sustentabilidade que recebia uma folha, feita de garrafa PET cada vez que um funcionário nos entregava o certificado de um curso virtual que divulgamos para toda a força de trabalho. Este curso sensibiliza sobre práticas de consumo e é intitulado: Sustentabilidade no dia-a-dia – orientações para o cidadão, o curso é virtual, rápido, simples e gratuito”, conta a diretora.

Para ela, ainda falta conscientização por parte dos dirigentes das Instituições de Saúde, do custo socioambiental dos serviços prestados e, de um modo geral, de foco na prevenção e na promoção da saúde das pessoas. “Quando há risco à vida, não se devem poupar recursos, porém, devemos utilizar esses recursos da forma mais racional possível, para que as gerações futuras não sofram com a sua falta”, argumenta.

A ideia de inscrever o IPq na disputa do prêmio surgiu a partir do Ano da Responsabilidade Socioambiental, em 2011, que provocou o levantamento de práticas já em curso, porém não disseminadas por toda a organização. “Quando conseguimos concluir o mapeamento, tínhamos práticas suficientes para concorrer. É importante pontuar que as nossas práticas socioambientais eram mapeadas anteriormente pela avaliação do modelo de Excelência da Gestão da Fundação Nacional da Qualidade e, num segundo momento, foi consolidado pelo ‘Projeto IPq Rumo à Excelência’, iniciado em 2008. Esses dois marcos nortearam nosso percurso na gestão socioambiental. Nosso trabalho não necessitou de adequações no controle e mensuração de resultados, porém, foi preciso que nos organizássemos, para que todas as ações em curso no Instituto fossem descritas devidamente, respeitando o regulamento do concurso”, explica.

COMITÊ SOCIOAMBIENTAL

O trabalho realizado pelo Comitê Socioambiental do Instituto é baseado em ações sistêmicas, ou seja, reúne profissionais de diversas áreas para que todos possam contribuir, de acordo com o perfil de suas atividades dentro da organização, além da experiência profissional na área da saúde. As ações realizadas englobam treinamen-

tos específicos sobre segregação de resíduos (recicláveis, óleo, pilhas e baterias), conscientização social divulgada a todos os profissionais, a prática de redução de estoque de materiais nas áreas, com vistas a evitar o desperdício e a geração de resíduos desnecessários e a realização de palestras sobre práticas de gestão ambiental nas organizações. “Por fim, há veiculação de peças de marketing, incentivando a economia de recursos como água, energia, redução de impressões de papéis, etc”, explica a diretora do IPq.

Entre os principais benefícios obtidos a partir deste trabalho destaca-se a significativa redução de descarte de resíduos infectantes através de treinamento contínuo das equipes de trabalho, levando-se em conta as características de destinação final destes resíduos. “Desse modo, tivemos aumento do volume de resíduos recicláveis e comuns. No futuro, a evolução desse processo contínuo é passarmos a verificar a redução de resíduos gerados por meio de um estudo cuidadoso, que envolve desde a atitude dos colaboradores até os processos licitatórios de aquisição de materiais, sempre tendo em vista o grande volume de embalagens plásticas e de papel, muitas vezes dissociadas de caráter efetivo na proteção dos materiais”, conta.

Outro benefício importante foi a redução de subestoques de materiais nas áreas consumidoras, o que gerou uma economia de aproximadamente 5% no volume de valor do orçamento de materiais de assistência de enfermagem.

Segunda Andreza Miranda, como em todo processo de trabalho houve dificuldades não completamente solucionadas, como a integração das equipes de profissionais de serviços terceirizados. “O principal fator para a ocorrência desse fenômeno foi a grande rotatividade da equipe de trabalho das empresas contratadas, além da dificuldade de destacarmos essa equipe de suas atividades para o treinamento”, explica.

Como alternativa, foi implantada junto à Gerência de Risco, o *treinamento flash* (com duração de 15 minutos, ministrado antes do profissional assumir o posto). Além disso, há treinamentos práticos, através de dinâmicas, que são realizadas no próprio posto de trabalho, o que possibilita mostrar o ensino junto à aplicação prática das atividades.

Um aspecto negativo decorre da carência de investimentos específicos nas ações de Responsabilidade Socioambiental. “Sempre existe um custo para que atitudes sofram mudanças. Talvez esse custo seja semelhante à perenização milenar dos nossos hábitos predatórios. Porém, vejo que, mesmo morosamente, a sociedade e as organizações por ela formadas têm mostrado, através de vários eventos e a atuação de atores importantes, a importância do investimento na preservação do meio ambiente e na consequente reestruturação de seus processos de trabalho”, ressalta Andreza.

CAMINHO SUSTENTÁVEL

Para conseguir implantar as ações que resultaram no selo “Hospital Amigo do Meio Ambiente”, o IPq iniciou o trabalho com a leitura da norma internacional de Responsabilidade Social – NBR ISO 26000. “Concomitantemente pesquisamos largamente as tendências socioambientais nas organizações de saúde privadas e públicas. Num segundo momento, levantamos e mensuramos qual era o aspecto de maior impacto nas atividades da organização, bem como as suas implicações normativas”, explica a diretora.

Outro aspecto de relevância foi pesquisar, nas diversas áreas da organização, práticas já vigentes e com grande potencial de disseminação interna, como por exemplo, a segregação de papéis, que é um processo extremamente simples, porém efetuado de

“A ideia de inscrever o IPq na disputa do prêmio surgiu a partir do Ano da Responsabilidade Socioambiental, em 2011, que provocou o levantamento de práticas já em curso, porém não disseminadas por toda a organização”



forma não sistêmica. “Quando perguntamos o motivo dessa descontinuidade no Instituto, descobrimos que não havia uma divulgação e adequação geral do processo, existem muitos mitos sobre os resíduos gerados em instituições de saúde. A partir dessa constatação, foi fácil distribuímos coletores de papéis para os geradores, além de instruímos os profissionais sobre quais tipos de resíduos poderiam ser segregados em todo o Instituto, tornando a ação sistêmica e uniforme”.

Para Andreza Miranda, inspirar a instituição e comunidade correlata a uma cultura ambiental depende especialmente de

educação e empatia. “A primeira informa e forma a cidadania. A segunda auxilia a mostrar como podemos implantar práticas possíveis de serem aplicadas. Esses dois conceitos devem estar voltados tanto às pessoas que fazem parte da força de trabalho da Instituição, quanto dos usuários, alunos e, de maneira mais abrangente, da sociedade, que frequentam as nossas instalações. É muito importante trazermos para dentro da organização as experiências particulares das pessoas em caráter de compartilhamento, cabe à gestão monitorar a viabilidade legal e normativa específica para os serviços de saúde”, conclui.

É FÁCIL MANTER A SAÚDE E A COMODIDADE DE SEUS PACIENTES!



4 EM 1 **ESTERILIZADOR +** **PURIFICADOR +** **IONIZADOR +** **UMIDIFICADOR DE AR**

- ✓ Reduz micro-organismos do ar
- ✓ Previne a acumulação de ácaros, fungos e bactérias
- ✓ Ameniza os efeitos do tempo seco em ambientes internos
- ✓ Praticidade e eficiência comprovada
- ✓ Modelo P1 e P2



SISTEMA DE CHAMADA DE ENFERMEIRA SEM FIO

*Inovação no simples
apertar de um botão!*

- ✓ Livre de instalação elétrica
- ✓ Sistema codificado livre de interferência
- ✓ Sistema configurável conforme as necessidades

LANÇAMENTO! **FOTO UV-C** **DE SUPERFÍCIE** **PORTÁTIL**

- ✓ Utiliza o efeito da radiação ultravioleta que destrói até 90% dos microorganismos (bactérias, fungos e vírus) da superfície dos ambientes.
- ✓ Recomendado para quartos, centros cirúrgicos, salas, clínicas e outros locais.



CONSULTE-NOS!
(35 4105.0441

www.medinovacao.com.br



vendas@medinovacao.com.br
Rua Levino de Oliveira, 90
São Vicente | Itajubá/MG

MEDINOVAÇÃO

Inovando para a vida

PROCESSO AQUA

Certificação de Construção Sustentável promove
aumento no padrão de sustentabilidade na
construção dos edifícios hospitalares brasileiros



Um processo de Gestão Total do Projeto para obter a Alta Qualidade Ambiental do Empreendimento de Construção Hospitalar. É com esta proposta que a certificação *Processo AQUA* é concedida pela Fundação Vanzolini com base em auditorias presenciais independentes. De acordo com Joaquim Ferreira, Diretor de Certificação da Fundação Vanzolini, o **Referencial Técnico** - Processo AQUA é a adaptação para o Brasil da “*Démarche HQE*”, da França e contém os requisitos para o **Sistema de Gestão do Empreendimento (SGE)** e os critérios de desempenho nas categorias da **Qualidade Ambiental do Edifício (QAE)**. “Foi desenvolvemos um referencial técnico específico para organizações de saúde, dessa forma, os requisitos da Alta Qualidade Ambiental refletem as especificidades deste tipo de empreendimento”, explica. Segundo o diretor, o principal benefício da certificação é comprovar o comprometimento do empreendedor com a sustentabilidade não deixando dúvidas sobre a veracidade das informações e do nível de sustentabilidade do empreendimento. “Outro benefício é a visibilidade adquirida junto ao mercado e a simpatia dos usuários e clientes em relação à instituição”, ressalta. Entre os impactos socioambientais que o Processo AQUA procura minimizar são destacados o consumo de recursos naturais, consumo de energia, geração de resíduos, entre outros. “O processo AQUA tem início no princípio do empreendimento – antes do projeto, pois o empreendimento deve nascer sustentável. Por esse motivo, o processo AQUA está dividido em três fases: Programa, Concepção e Realização. No final de cada fase é realizada uma auditoria presencial pela equipe da Fundação Vanzolini”, explica. Ferreira, que é professor do departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica da USP, ressalta que as certificações que envolvem as questões ambientais



serão cada vez mais exigidas e valorizadas nos negócios da saúde. “Elas agregam valor por gerarem um menor custo ao longo da vida do empreendimento”. Para ele, um edifício sustentável deve proporcionar um ambiente confortável e saudável para

os usuários de maneira eficiente. “Ou seja, o edifício deve ser durável, economizar energia, água, ter uma boa gestão de resíduos e também atender às necessidades e expectativas dos usuários, garantir a saúde das pessoas e harmonizar-se com o entorno”, conclui.

PASSOS PARA A CERTIFICAÇÃO

- ✓ Relação do edifício com o seu entorno
- ✓ Escolha integrada de produtos, sistemas e processos construtivos
- ✓ Canteiro de obras com baixo impacto ambiental
- ✓ Gestão da energia
- ✓ Gestão da água
- ✓ Gestão dos resíduos de uso e operação do edifício
- ✓ Manutenção – permanência do desempenho ambiental
- ✓ Conforto higrotérmico
- ✓ Conforto acústico
- ✓ Conforto visual
- ✓ Conforto olfativo
- ✓ Qualidade sanitária dos ambientes
- ✓ Qualidade sanitária do ar
- ✓ Qualidade sanitária da água

ISONOMIA TRIBUTÁRIA PARA SAÚDE



O governo federal anunciou em abril (2013) um conjunto de propostas para dar mais competitividade à indústria nacional. Entre as medidas - que devem ser adotadas até o final do mandato da presidente Dilma Rousseff - estão a desoneração de PIS/Cofins para itens do setor de saúde.

Apesar do momento favorável à indústria médico-hospitalar brasileira, Ruy Baumer, Coordenador do Comitê da Cadeia Produtiva da Saúde (Comsaude/Fiesp), defende que a isonomia tributária precisa acontecer ainda em 2013. Segundo ele, falta aplicar um regime de isonomia tributária que ajude ao setor a competir dentro e fora do país.

Qual é o perfil atual da indústria médico-hospitalar e odontológica no Brasil?

Os resultados mostram que a produção setorial atingiu R\$ 4,8 bilhões em 2012. Esse valor divide-se em R\$ 2,23 bilhões para os equipamentos médicos, R\$ 97 milhões para implantes, R\$ 83 milhões para materiais de consumo e R\$ 76 milhões para materiais odontológicos. A curva é ascendente, principalmente na área de equipamentos médicos, que em 2007 era de R\$ 1,07 bilhão. Descontada a variação dos preços, o crescimento real da produção entre 2005 e 2012 foi de 3,9% ao ano, em média. O crescimento estimado para o setor foi de 10,6% em 2012. O setor de fabricantes de equipamentos médicos vem

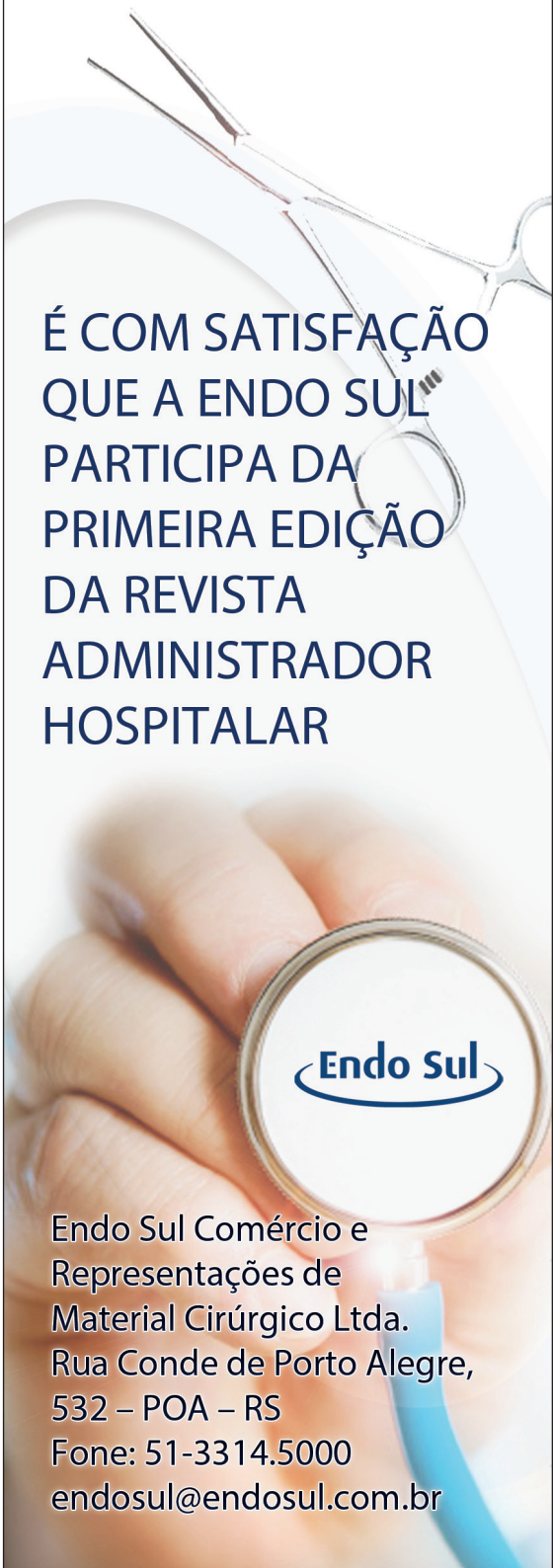
se saindo bem, apesar de algumas dificuldades competitivas.

Que momento vive essa indústria? Quais os principais impasses e desafios?

O momento é favorável, devido às novas ações tomadas pelo governo federal. Mas, mesmo com alguns dados animadores, o estudo setorial encomendado pela ABIMO deixa evidente que hoje a falta de isonomia tributária configura-se como um dos mais graves problemas enfrentados pelo setor produtor de equipamentos médicos, hospitalares, laboratoriais e odontológicos.

Podemos dizer que a tecnologia dos produtos nacionais é equiparada aos equipamentos importados. O preço é competitivo?

Sim. Lamentavelmente, a importação por si só é maior que a metade do mercado. O dado mais preocupante refere-se à queda de 5,5% nas exportações no ano passado. No mesmo período, as importações cresceram 4,7%, ampliando o déficit comercial, chegando a US\$ 4,5 bilhões em 2012. Sendo um setor voltado para o mercado interno, conclui-se que existe um crescimento da demanda e que a importação está roubando essa fatia do mercado. Esse cenário ocorre, pois tanto hospitais públicos, quanto os beneficentes e filantrópicos, responsáveis por cerca de 65% da demanda nacional, podem comprar equipamentos importados com isenção de impostos.

The logo for Endo Sul, featuring the company name in a bold, blue, sans-serif font, enclosed within a blue oval shape.A background image for the advertisement. It shows a pair of surgical scissors at the top and a hand holding a magnifying glass at the bottom. The magnifying glass is focused on the Endo Sul logo, which is visible through its lens. The overall theme is medical and surgical.

**É COM SATISFAÇÃO
QUE A ENDO SUL
PARTICIPA DA
PRIMEIRA EDIÇÃO
DA REVISTA
ADMINISTRADOR
HOSPITALAR**

**Endo Sul Comércio e
Representações de
Material Cirúrgico Ltda.**
Rua Conde de Porto Alegre,
532 – POA – RS
Fone: 51-3314.5000
endosul@endosul.com.br

Há capacidade para atender a demanda interna?

A indústria brasileira de saúde possui capacidade para suprir de 90 a 95 % das necessidades de equipamentos e materiais de consumo de um hospital geral, nos padrões atuais.

Como lidar com a avalanche dos produtos asiáticos? Há política de proteção da indústria nacional por parte do Governo?

Competitividade faz parte de qualquer jogo, inclusive, do mercadológico. O problema começa quando as regras não são claras e, pior, favorecem só um lado, tornando a concorrência desigual. Apesar desta desigualdade competitiva, não queremos o retorno do protecionismo, ou seja, o estabelecimento de barreiras alfandegárias ou a simples proibição de importações. Mas, sim, garantir os mesmos direitos que existem para um produto importado.

Qual o impacto de uma nova legislação para a indústria? Como isso afeta o mercado médico-hospitalar?

Todas essas medidas anunciadas mostraram uma direção positiva para o desenvolvimento do setor no Brasil uma vez que o uso do poder de compra, os incentivos fiscais para investimentos produtivos e a defesa comercial com objetivo de reduzir as importações predatórias, são importantes. Porém, apesar do gigantesco esforço público em superar os entraves ao desenvolvimento econômico, o que nos afasta deste objetivo é nossa própria legislação.

Há outros pleitos em processo? Quais e por quê? O que os empresários e gestores de saúde devem considerar na pauta de 2013?

Esse ano, vamos unir todos os nossos esforços em prol do reconhecimento da imunidade tributária nas compras realizadas pelas Entidades Filantrópicas realizadas no mercado interno, uma vez que o Governo reconhece apenas a importação.



divulgação

Ruy Baumer, Coordenador do Comitê da Cadeia Produtiva da Saúde (Comsaude/Fiesp)

“O momento é favorável, devido às novas ações tomadas pelo governo federal. Mas, mesmo com alguns dados animadores, o estudo setorial encomendado pela ABIMO deixa evidente que hoje a falta de isonomia tributária configura-se como um dos mais graves problemas enfrentados pelo setor”

A instituição de saúde que precisar adquirir um monitor cardíaco, por exemplo, encontrará condições mais favoráveis se optar por uma marca estrangeira. O grande atrativo está no valor final da negociação. Quando importado por uma instituição pública ou filantrópica, qualquer equipamento pode custar até 18,5% menos que o similar produzido no país, justamente por não pagar impostos (ICMS, IPI, PIS e CONFINS). O paradoxo é evidente: apesar do gigantesco esforço público em superar os entraves ao desenvolvimento econômico, o que nos afasta deste objetivo é nossa própria legislação.

A proposta da ABIMO para a modificação deste quadro é simples: garantir a isonomia tributária em todas as operações de compras por entidades vinculadas ao SUS. O primeiro passo neste caminho é ter claro o sentido da imunidade constitucional e aplicá-la infraconstitucionalmente. Uma das formas é alterar a Lei Ordinária, através de Medida Provisória ou Projeto de Lei, a fim de garantir a isonomia tributária entre os produtos nacionais e importados. A partir desta alteração serão confirmados os entendimentos sobre a questão, tanto do Ministério da Fazenda como da Receita Federal, por meio de Atos Declaratórios Interpretativos.



MEDPEJ

porque saúde é fundamental

Venha
nos visitar
HOSPITALAR 20B
RUA D/E 07/08
Pavilhão AZUL

quatroPontosdigital.com.br



Rua Campinas, 2248 • Vila Elisa • CEP 14075-070
Ribeirão Preto • SP • Brasil
medpej@medpej.com.br
www.medpej.com.br
Tel: +55 (16) 3238.0300

BPF
Boas Práticas de Fabricação

ISO
13485



FARMÁCIA HOSPITALAR

Bom gerenciamento garante o uso seguro
e racional de medicamentos prescritos



O gerenciamento dos medicamentos e as formas como são distribuídos entre os vários setores dentro do hospital diz muito em relação à qualidade da prestação do serviço de qualquer instituição de saúde. Planejar e controlar a distribuição é uma das maneiras que podem garantir que a instituição hospitalar sobreviva financeiramente.

A importância de um bom gerenciamento garante o uso seguro e racional dos medicamentos prescritos. É necessário garantir um bom planejamento na aquisição de medicamentos e materiais hospitalares para suprir a demanda e necessidades dos pacientes hospitalizados, na mesma proporção da sua utilização. Realidade nem sempre aplicada nas Farmácias Hospitala-

res do Brasil.

De acordo com o ex-diretor Industrial da FURP (Fundação para o Remédio Popular), Victor Hugo C. Travassos da Rosa, que também respondeu pelas diretorias da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) e da Divisão de Farmácia do HCFMUSP (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP), a evolução da farmácia

“Os hospitais brasileiros ainda não se deram conta da real valia da farmácia no tocante à racionalização do uso de medicamentos e suas consequências”

hospitalar não tem se processado de forma harmônica. “Temos regiões desenvolvidas com farmácias de baixa qualidade e regiões de menor acesso com farmácias de excelente nível de prestação de serviços”, explica.

É fundamental que a Farmácia conte com estrutura suficiente para o bom desempenho das funções, por ele classificadas como prioritárias, tais como: bom controle de estoques, bom sistema de seleção dos medicamentos dispensados, armazenamento adequado à conservação e manutenção da qualidade e, principalmente, um bom sistema de dispensação que permita rastrear todos os possíveis desvios de qualidade e uso, independentemente das razões de sua origem. “Existem atualmente tecnologias que possibilitam a realização dessas tarefas com muita eficiência e qualidade de resultados”, conta.

Segundo ele, uma das tecnologias indispensáveis é o uso do sistema de código de barras, que garante a segurança da transmissão dos dados e reduz erros. “Uma das maiores causas de erros médicos nos Estados Unidos envolve o uso inadequado de medicamentos”.

Para Victor Hugo Travassos, apesar dos avanços, a indústria farmacêutica nacional ainda padece com apresentações de medicamentos impróprios à boa dispensação nos hospitais, aos moldes de países onde a prática da individualização na dispensação dos medicamentos é elementar.

Faltam também mais investimentos no setor pela administração hospitalar. “Os hospitais brasileiros ainda não se deram conta da real valia da farmácia no tocante



Victor Hugo Travassos da Rosa

divulgação

à racionalização do uso de medicamentos e suas consequências. O problema está atrelado à questão do modo de ressarcimento das contas hospitalares”, garante. Outros equívocos também são frequentes na gestão da farmácia hospitalar tais como o provisionamento e o armazenamento inadequados, além da dispensação incorreta. “Este último item tem ocorrido com muita frequência em nosso meio, com consequências graves”, observa. O diretor ressalta que a Farmácia deve funcionar com uma espécie de elo das diversas atividades multiprofissionais dentro da instituição. “A falta do medicamento, assim como a falta de informações técnicas podem representar consequências irreversíveis ao bem-estar do paciente. Para manter o serviço de excelência é preciso garantir profissionais capacitados e envolvidos com suas atribuições e responsabilidades”, conclui.



A FOKKUS TRADE HOSPITALAR estará na Feira Hospitalar 2013, Pavilhão branco, rua F 118, apresentando produtos para: Vendas, locações, atendimento em todo Brasil.

Trabalhamos principalmente com:

- MONITORES MULTIPARAMÉTRICOS;
- Camas eletrônicas e/ou manuais;
- Macas tradicionais e/ou hidráulicas;
- Respiradores, Focos e Mesas cirúrgicas;
- Poltronas reclináveis, sofás, suporte de soro, escadas;
- Arquitetura com Bate-Macas, Cortinas de uso clínico, Juntas.



Contate-nos via fone (61) 3343-3533 e/ou e-mail: alternative@terra.com.br

Nossos sites: www.fokkushospitalar.com.br
www.alternativemedical.com.br

CENTRAL DE COMPRAS DA PRÓ-SAÚDE

Realizar negociações de produtos ao Sistema Público de Saúde, buscando melhores preços e produtos de qualidade, exige um processo de compras eficaz.

É o que oferece a Central de Compras da Pró-Saúde, uma solução inovadora para atendimento às unidades administradas pela entidade filantrópica, parceira de estados e municípios por meio de contratos de gestão firmados a partir de concorrência pública.

A Central de Compras, que fica em São Paulo, tem hoje como clientes mais de 40 serviços de saúde, entre hospitais e Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) em diversas regiões do país. Auxilia os parceiros e fornecedores a planejar melhor os negócios, com foco no aumento de qualidade e na redução de custos, que chega a 12% em média. Mas há negociações que podem gerar economia em torno de 40%, um ganho significativo na gestão pública. O resultado se deve a um banco de 60 mil fornecedores e mais de 12 mil itens no catálogo.

Em 2012, o Portal de Compras Hospitalares mereceu o Prêmio Best e entrou 2013 com seus processos de gestão certificados pela Norma ISO 9001:2008, o que indica compromisso da Pró-Saúde com a melhoria dos serviços e a satisfação de seus clientes.

Auditada pela Fundação Vanzolini, a instituição comprovou a implantação e a manutenção de um Sistema de Gestão de Qualidade.



“Em unidades de pequeno e médio porte, é necessário somente um profissional para cuidar das compras e operar o sistema, o que libera técnicos para outras funções”

NEGOCIAÇÃO EM TEMPO REAL

A Central de Compras é uma plataforma eletrônica de negociação que mapeia, em tempo real, as demandas de quem compra e as ofertas dos fornecedores. É possível identificar os menores preços de acordo com o volume de pedidos e oferecer economia de escala, agilidade, segurança e transparência no abastecimento de medicamentos e equipamentos, entre outros itens. Tudo realizado por meio do Portal da Pró-Saúde, permitindo ao hospital ou UPA listar seus pedidos, acompanhar a entrega e realizar avaliação técnica dos itens recebidos.

Em unidades de pequeno e médio porte, é necessário somente um profissional para cuidar das compras e operar o sistema, o que libera técnicos para assumir outras funções. A Pró-Saúde fornece capacitação aos funcionários encarregados de gerenciar o sistema na unidade hospitalar, manual de compras e suporte permanente.

Com o planejamento, é possível reduzir estoques e controlar desvios e desperdícios. “Hoje, a Pró-Saúde compra toda a linha de consumíveis, que envolve medicamentos, material médico, fios e os ativos, que são equipamentos médicos e instrumentais”, esclarece a Gerente de Logística da Central de Compras, Mônica Granzo.

“Toda a linha de gêneros alimentícios, materiais de manutenção e obras, a gente identifica o que são potenciais para o desenvolvimento local e só compramos de outro estado quando a região não tem produção instalada dessa linha”, completa. Em muitos casos, 60% das compras são feitas na região ou de fornecedores do estado. A filosofia da Pró-Saúde procura respeitar a economia regional.

Para Mônica, a adoção desse sistema de compras permite, na prática, identificar com precisão as necessidades dos seus atuais clientes. Com o mapeamento dos processos, já se conseguiu identificar o que era ou não importante para cada um. Esse monitoramento quantificou, por exemplo, a capacidade de atendimento. De acordo com os indicadores do histórico de mais de três anos de avaliações das requisições nos hospitais, a Central de Compras conseguiu atender de 92% a 93% da demanda. A meta é chegar aos 100% de atendimento dos itens solicitados. “Estamos trabalhando pela melhoria contínua, para atingir esses objetivos. Isso salva vidas, garante a realização da cirurgia, a medicação ao paciente e reflete na qualidade de vida do paciente, que é o mais importante”, afirma.

ANALGESIA PÓS-OPERATÓRIA

Como otimizar
os recursos
financeiros sem
comprometer
a eficácia do
tratamento?



Fale com um
consultor de vendas
da EMS Hospitalar.

divisao.hospitalar@ems.com.br

0800 191 222



hospitalar

ATENDIMENTO PERSONALIZADO E INOVAÇÕES

Focada no processo constante de melhoria no atendimento, há dois meses a Central de Compras mantém o Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) e o Fale Conosco. As novidades permitem encaminhar reclamação ou sugestão, solicitar a padronização de novos produtos e prestar eventuais queixas técnicas de desvio de qualidade de algum produto. E funcionam, também, como um canal de suporte, caso haja uma falha na plataforma de compras. Outro diferencial do serviço é a promoção de reuniões periódicas para avaliar produtos. Na última delas, realizada recentemente, a Central apresentou o Manual de Compras idealizado há mais de dois anos. Ele traz orientações operacionais e as políticas de compras corporativas para facilitar a operação no processo de interface. Também foi constituída oficialmente uma comissão de padronização corporativa com atribuições e cargos para gerenciar a qualidade de produtos.

Um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Analista de Qualidade da Central de Compras, Simone Luna de Almeida, acabou inspirando a adoção de um novo produto para substituir o uso do álcool líquido com algodão na assepsia da pele. É um pequeno pedaço de TNT envolvido em isopropílico 70% para ser utilizado antes do contato com agulhas para exames ou aplicação de medicamentos. “Na pesquisa, conseguimos mensurar o antes e depois e realmente houve reduções, principalmente financeiras. No Hospital de Atibaia, a redução com a inclusão desse produto chegou a 63%”, diz a pesquisadora. Simone verificou, também, que essa troca aumentou a segurança contra incêndios e reduziu o risco ocu-

“A adoção desse sistema de compras permite, na prática, identificar com precisão as necessidades dos seus atuais clientes. Com o mapeamento dos processos, já se conseguiu identificar o que era ou não importante para cada um”



pacional, porque o álcool é inflamável e de armazenamento e transporte perigosos. O sachê dispensa, ainda, processo de desinfecção das almotolias e reenvaso do álcool em litro e custa bem menos do que a apresentação líquida.

Após apresentar as vantagens do produto, já utilizado nos grandes laboratórios e hospitais, com aprovação dos clientes, a Central de Compras decidiu padronizar, negociar o preço e fechar contrato para adotar o sachê de álcool em todos os hospitais gerenciados pela Pró-Saúde.

A meta da Central de Compras é aumentar

a sua representação no segmento hospitalar e se tornar a primeira do setor com aplicação de Compras Verdes. Assim, a Pró-Saúde vem se preparando para atender clientes externos e tem recebido convites para compartilhar sua experiência. No recente Workshop da Central de Compras do Sistema Unimed do Brasil, a gerente Mônica Granzo apresentou os resultados do sistema, considerado um caso de sucesso. “Estamos na fase de concepção de novos projetos e pretendemos estruturar uma metodologia para implantá-los”, afirma Mônica. E conclui: “Isso é uma inovação na área de saúde”.

HAOC 80 ANOS

COM UMA ESTRUTURA INQUESTIONÁVEL E EM CONSTANTE EVOLUÇÃO, O HOSPITAL AUGUSTO DE OLIVEIRA CAMARGO COMPLETA SEUS 80 ANOS SENDO CONSIDERADO MODELO NA REGIÃO, ATENDENDO INCLUSIVE PACIENTES VINDOS DE OUTRAS CIDADES, ENCAMINHADOS POR IMPORTANTES CONVÊNIOS. E TODA ESSA ESTRUTURA TEM COMO OBJETIVO FINAL E PRINCIPAL A RECUPERAÇÃO E O BEM ESTAR DOS PACIENTES QUE SE UTILIZAM DESTA ENTIDADE.



HOSPITAL AUGUSTO DE OLIVEIRA CAMARGO

Imagens para efeito ilustrativo



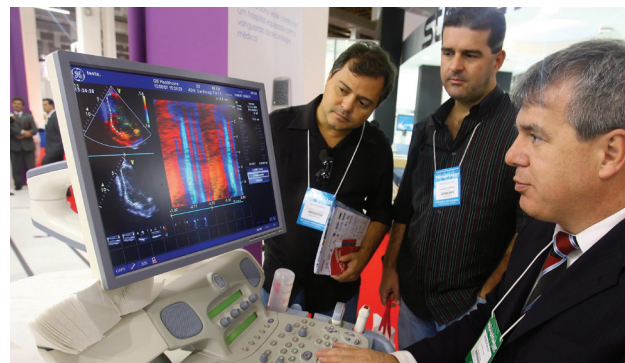
HOSPITALAR 20 ANOS

Uma rede de conectividade dinâmica e vivaz

Por Dra. Waleska Santos*



Comunicação da Hospitalar



Em maio próximo, entre os dias 21 a 24, o setor da Saúde vai reunir-se em São Paulo para a 20ª edição da HOSPITALAR. Para expositores e visitantes, a feira será mais uma oportunidade de aproximação, negócios e atualização com o que existe de inovador na área da saúde. Para nós, no entanto, o importante não é fazer mais uma feira. Nosso objetivo é fazer de cada edição da HOSPITALAR e de seu fórum uma experiência única, relevante, instigante e indispensável para todos aqueles comprometidos com o crescimento e o bom funcionamento dos serviços de saúde.

Superar expectativas e agregar novas visões da saúde tem sido a tônica do nosso trabalho ao longo destes 20 anos. A HOSPITALAR conquistou posição obrigatória na agenda de gestores de hospitais públicos e privados, clínicas médicas, laboratórios, empresas de serviço, instituições da área e profissionais da cadeia da saúde. Ao reunir mais de 1.200 expositores – incluindo as marcas líderes de todas as áreas da saúde, novas empresas com interessantes alternativas de preço, qualidade e atendimento e também empresas estrangeiras, de mais de 30 países – estamos incentivando a indústria a inovar, agregar valor e melhorar os serviços. Ao mesmo tempo, ampliamos a oferta e damos maior poder de negociação aos compradores, que são os estabelecimentos de saúde.

Este pool cada vez maior de produtos e serviços concentrados atrai 92.000 visitantes profissionais para os quatro dias da feira. Além dos dirigentes de hospitais e clínicas, enfermeiros, médicos, distribuidores, industriais e profissionais da área de saúde de todo o Brasil, a HOSPITALAR recebe também milhares de visitantes internacionais. E isso tem impacto direto não apenas sobre o crescimento das exportações da indústria médico-hospitalar, mas também na formação de parcerias e joint-ventures,



além de contribuir para projetar cada vez mais a indústria de excelência brasileira no mercado global de saúde.

A alta qualificação dos visitantes da feira é um valor intangível, mas largamente percebido pelo setor. E isso nos leva a um outro patamar de participação e influência, ao qual temos dedicado especial atenção desde o início de nosso trabalho.

Temos hoje um papel igualmente importante na multiplicação de informações e conhecimento, na troca de experiências e no avanço de uma agenda positiva para o setor de saúde. Nosso Fórum de gestão reúne a cada ano mais de 60 eventos, com participação de 12.000 congressistas. A qualidade e diversidade dos temas abordados nessas conferências, seminários e encontros setoriais tem atraído cada vez mais uma elite de pensadores, estrategistas e dirigentes de saúde dos setores público e privado, engajados na apresentação e debate de novas propostas para o desenvolvimento do setor.

Nessas duas décadas de existência de nossa Feira e Fórum, o desafio foi criar uma rede de conectividade dinâmica e vivaz, projetando empresas e propostas para além do universo da saúde. Nosso compromisso sempre foi com a inovação e com a geração de resultados, lançando mão de parcerias, mas mantendo a isenção e a colaboração com todos os grupos de trabalho e nichos de mercado.

Hoje temos o privilégio de estar numa posição que nos permite ver o todo e proporcionar integração, ajudando a movimentar e desenvolver o setor. A HOSPITALAR funciona quase como um clube, onde todos os players do setor se encontram, interagem e, acima de tudo, nos veem como parceiros.

Sentimo-nos orgulhosos de nosso papel como agentes transformadores do comportamento deste setor, contribuindo para tornar a Saúde Brasileira uma protagonista e uma referência no cenário mundial.



Diego Rousseaux

*Dra. Waleska Santos é Presidente e Fundadora da Hospitalar Feira e Fórum



A Prati-Donaduzzi, indústria farmacêutica especializada no desenvolvimento e produção de medicamentos genéricos e similares, é a primeira no país a comercializar os medicamentos fracionáveis. Com sede em Toledo, oeste do Paraná, tem mais de 3,5 mil colaboradores e possui um dos maiores portfólios de medicamentos genéricos do Brasil, produzindo, em média, 600 mil unidades por dia de medicamentos sólidos, semissólidos e líquidos. Com a produção de mais de 10 bilhões de doses terapêuticas por ano, ocupa uma posição de destaque entre os maiores laboratórios do país.

Prati-Donaduzzi

Endereço: Mitsugoro Tanaka, 145

Centro Ind. Nilton Arruda

Toledo/PR

Tel.: (45) 2103-1166

www.pratidonaduzzi.com.br

prati
donaduzzi



A Trumpf é uma multinacional Alemã de alta tecnologia com foco na fabricação de Máquinas Industriais e Equipamentos Médicos.

Contamos com 58 subsidiárias TRUMPF ao redor do mundo, e no Brasil estamos com nosso escritório estabelecido a 31 anos trabalhando com a nossa divisão de máquinas industriais e com nosso distribuidor nacional para a divisão médica "MKTRADE".

Comprometidos com a inovação e qualidade, somos reconhecidos mundialmente por sermos precursores na tecnologia LED para foco cirúrgico lançado no ano de 2005, por termos realizado a nossa primeira instalação de estativa em 1977 e ainda contar com uma extensa linha de mesas cirúrgicas completamente eletromotorizadas.

TRUMPF

Distribuidor Nacional

MKTRADE

Endereço: Av. Iguaçu, 507 Sala 501 - Petrópolis

Porto Alegre/RS

Tel.: (51) 3026-7790

mktrade@mktrade.com.br

www.mktrade.com.br



Foto: Alan Santos

Sérgio Marques
Diretor Presidente

Hiran Franco
Vice Presidente de Vendas

Há 15 anos no mercado e 100% brasileira a VERT é uma das principais empresas integradoras de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) do Brasil. Ao longo de sua trajetória firmou-se no mercado como "Integradora de Tecnologia e Sistemas", atuando com foco em soluções corporativas de TIC, além de atuar na viabilização da sinergia entre tecnologia e negócios, levando soluções customizadas conforme a necessidade de cada cliente.

Com sede em Brasília e escritórios em São Paulo e Rio de Janeiro, opera através das unidades de negócios: Data Center, Infraestrutura de TI para Data Center, Infraestrutura de Comunicação, Aplicativos de Negócios e Serviços Gerenciados. A VERT é hoje referência em fornecimento de soluções baseadas em diversas tecnologias providas pelos maiores fabricantes mundiais.

A VERT conta com um time de especialistas em cada oferta e parcerias com os maiores fornecedores mundiais de tecnologia. A VERT comprova um crescimento médio de 35% ao ano, e tem a meta de ser a maior integradora de TIC nacional.

Vert Soluções em TIC

Endereço: SHS Qd. 06 Cj. A Bl. A
Salas: 403, 404 e 406 - Asa Sul
Brasília/DF
Tel.: (61) 2103-1000
www.vert.com.br



A Expressa é uma empresa de Distribuição de Medicamentos, Equipamentos e Materiais com mais de 28 anos de mercado. Atuamos em todo o território nacional a partir de 8 Sedes e 5 Centros de Distribuição. Além disso, a preocupação que temos com a segurança e qualidade dos produtos que distribuimos, nos fazem a melhor opção quando o assunto é distribuição de medicamentos.

Expressa Distribuidora de Medicamentos, Equipamentos e Materiais Hospitalares

Matriz:

Rua Funchal, 418 - Vila Olimpia

CEP 04551-050

São Paulo - SP

Tel.: (11) 2184-0700

www.expressa.com



COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS RENOVANDO CONHECIMENTOS

Em 2012, os administradores hospitalares passaram a contar com um espaço exclusivo na **Feira Hospitalar**. O Espaço do Administrador Hospitalar (EAH) surgiu numa ideia conjunta com a administração do evento, no qual constatou a necessidade de que o administrador, profissional que representa uma classe tão influenciadora nos rumos da saúde, tivesse um local para compartilhar experiências com outros pares, além de ter um atendimento mais efetivo por parte das empresas expositoras.

A iniciativa foi um sucesso. De acordo com Fábio Marchese, diretor da Federação Brasileira de Administradores Hospitalares (FBAH) e da Grafite Comunicações, cerca de 3200 gestores que passaram pelo espaço tiveram acesso a palestras, entre outras atividades de relacionamento. “Tivemos ainda a palestra do Dr. Gonzalo Vecina Neto, Superintendente do Hospital Sírio Libanês, e a presença do Ministro da Saúde, Dr. Alexandre Padilha”, conta.

Compartilhar experiências, renovar conhecimentos, fazer negócios e relacionamentos, além da constante atualização das ferramentas que existem no mercado à disposição do administrador hospitalar, permanecerão na agenda do *Espaço do Administrador*, na Feira Hospitalar em 2013. “As empresas também terão mais oportunidades de divulgação de sua marca dentro do EAH, mediante o aumento de espaço de exposição em sua área respectiva”, conclui.





GRAFITE
COMUNICAÇÕES

Uma agência especializada na área da Saúde

A Grafite possui hoje um enorme portfólio, mais de 50 mil jobs entre materiais e ações promocionais nas áreas farmacêutica e Hospitalar. Atuando fortemente na área da saúde criou o ESPAÇO ADMINISTRADOR HOSPITALAR, local exclusivo dentro da Feira Hospitalar, já na sua 2ª edição.

Faz parte também de seus serviços junto aos administradores o consagrado ANUÁRIO QUEM É QUEM NOS HOSPITAIS já em sua 6ª edição.



**INFORME-SE SOBRE O NOSSO PROGRAMA CLIENTE DE SUCESSO
E OTIMIZE SUA VERBA NOS PRÓXIMOS 12 MESES.**



FBAH Foca na Profissionalização do Administrador Hospitalar

A Federação Brasileira de Administradores Hospitalares (FBAH) tem adotado como filosofia o Desenvolvimento da Gestão e Profissionalização do Administrador Hospitalar. Em seus mais de 40 anos de atividade, a entidade não mediu esforços para apoiar a formação do Administrador Hospitalar frente às novas concepções da administração. **Marcio Moreira**, Superintendente Executivo da FBAH, conta que a regulação da atividade profissional passa por conscientizar os Administradores Hospitalares da necessidade de capacitação e uma formação sólida. Este perfil, em permanente construção, ainda necessita de maior fundamentação. “A FBAH tem procurado por iniciativa própria ou em parceria com outras entidades oferecer cursos, jornadas e congressos dentro da área de atuação do Administrador Hospitalar”, ressalta Márcio Moreira.

Marcio Moreira Superintendente Executivo da FBAH Federação Brasileira de Administradores Hospitalares.



divulgação

Confira as principais atividades da Federação em prol da profissionalização dos administradores hospitalares

✓ **22 de novembro / 2011** - Curso de Gerenciamento de Equipamentos em Serviços de Saúde na Cidade de São Paulo – SP no Auditório da Hospitalar.

✓ **15 de dezembro / 2011** - Curso de Gerenciamento de Equipamentos em Serviços de Saúde na Cidade de Palmas – TO, no Auditório da Pousada dos Girassóis.

✓ **28 de fevereiro de 2012** - Curso de Gerenciamento de Equipamentos de Saúde, no Auditório do Hospital São Francisco, na cidade de Ribeirão Preto – SP.

✓ **09 de março de 2012** - Curso de Gerenciamento de Equipamentos em Serviços de Saúde, no Auditório do Hospital da Clínicas Gaspar Viana em Belém – PA.

✓ **29 de março de 2012** - Participação no evento de 20 anos da FEHOSC – Federação das Santas Casas, Hospitais e Entidades Filantrópicas do Estado de Santa Catarina em Concórdia – SC.

✓ **24 a 27 de abril de 2012** - Participação no 21º Congresso FEHOSP de Presidentes, Provedores, Diretores e Administradores Hospitalares de Santas Casas e Hospitais Beneficentes do Estado de São Paulo, realizado na Cidade de Campinas – SP.

✓ **20 de maio de 2012** – XIV Jantar em Homenagem ao Administrador Hospitalar realizado no Espaço Hakka na Cidade de São Paulo com a entrega de:

Títulos de Administrador Emérito:

Hospital Público – Walter Cintra Ferreira Junior

Hospital Privado – Claudio Luiz Lottenberg

Hospital Filantrópico – Miton Tédde

Títulos de Administrador Hospitalium Causa:

Rede São Camilo

Prêmio FBAH de Administração Hospitalar:

1º lugar – Marcelo Theóphilo Lima

2º lugar – Carlos Eduardo de Campos

3º lugar – Allan Jacqueson Barbosa Lobo

✓ **20 de maio de 2012** – Lançamento da Revista Comemorativa aos 40 anos da Federação Brasileira de Administradores Hospitalares – FBAH editada pela Talentos Comunicações.

✓ **21 e 22 de maio de 2012** – IV Jornada de Parceria Público-Privada na Saúde com 200 inscitos.

✓ **19 de junho de 2012** – Participação da FBAH na RIO + 20 - Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável – Palestra Desenvolvimento Sustentável na Saúde, na Cidade do Rio de Janeiro – RJ.



✓ **4 a 6 de julho de 2012** – Participação no IX Congresso Nacional de Operadoras Filantrópicas de Planos de Saúde na Cidade de Santos – SP

✓ **21 a 23 de agosto de 2012** – Participação no XXII Congresso Nacional das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos, na Cidade de Brasília – DF.



✓ **12 a 14 de setembro de 2012** – Organização e Participação do Encontro Catarinense de Hospitais na Cidade de Florianópolis – SC.

✓ **19 e 20 de setembro de 2012** – Participação no XXXIII Congresso do Colégio Uruguaio de Administradores de Serviços de Saúde realizado na Cidade de Montevidéo – Uruguai.



✓ **18 a 23 de setembro de 2012** – Organização do Grupo de Congressistas de 22 pessoas e Participação no XX Congresso Internacional das Misericórdias realizado na Cidade do Porto – Portugal.

✓ **19 a 21 de Novembro de 2012** – Participação com grupo de 13 pessoas no III Congresso Peruano de Administração Hospitalar na Cidade de Lima – Peru.



✓ **14 de março de 2013** – Eleição da Diretoria da FBAH

DIRETORIA

Presidente – Valdesir Galvan
Vice-Presidente – Waldomiro Monforte Pazin
1º Tesoureiro – Antônio Sérgio Vulpe Fausto
2º Tesoureiro – Jairo Ferreira Campos
1º Secretário – Solange Amora Aliandro
2º Secretário – Márcia Cristina Mariani

CONSELHO FISCAL

1º Membro Titular – Teresinha Covas Lisboa
2º Membro Titular – Renato Donizeti de Oliveira
3º Membro Titular – Carlos José Massarenti
1º Membro Suplente – Daniel A. Gonsales Camara
2º Membro Suplente – José Cleber do Nascimento Costa
3º Membro Suplente – Paulo Roberto Mergulhão

SUPERINTENDENTE EXECUTIVO

Marcio Gonçalves Moreira

CONSELHO NACIONAL DE GESTÃO EM SAÚDE

PRESIDENTE – Francisco Roberto Balestrin de Andrade
Carlos Alberto Robini
Eneida Peçanha de Vasconcelos
Fabio Fratantonio Marchese
Gonzalo Vecina Neto
Humberto Gomes de Melo
José Carlos de Souza Abrahão
José Carlos Rizoli
Liliana Chiodo Cherfen
Marcello Delascio Cusatis
Padre Niversindo Antônio Cherubin
Paulo Jesus Frange
Paulo Roberto Segatelli Camara
Salim Lamha Neto
Waleska Santos
Walter Ioshi

✓ **07 a 10 de maio de 2013** – 22º Congresso FEHOSP de Presidentes, Provedores, Diretores e Administradores Hospitalares de Santas Casas e Hospitais Beneficentes do Estado de São Paulo – Campinas – SP

Prati-Donaduzzi implanta código Datamatrix para garantir rastreabilidade nos medicamentos

Farmacêutica investe na tecnologia Datamatrix para garantir mais qualidade e segurança nos seus produtos

A indústria farmacêutica Prati-Donaduzzi localizada em Toledo, oeste do Paraná, é a primeira indústria nacional a conseguir implantar o código Datamatrix em blisters de alumínio para medicamentos sólidos orais em doses fracionáveis.

O Datamatrix é um código com leitura bidimensional que possibilita a impressão de até 36 mil caracteres, em espaço reduzido, garantindo as informações necessárias para a rastreabilidade total de medicamentos, sendo o escolhido por diversos países como Turquia, Índia e Argentina.

Segundo o diretor comercial da área Hospitalar da Prati-Donaduzzi, Walter Batista, a empresa busca constantemente formas de aumentar a segurança dos medicamentos. “Sempre nos preocupamos com a necessidade de aprimorar os sistemas de segurança e controle em todos os processos. Da produção à comercialização de um medicamento, o Datamatrix beneficia todos os envolvidos”, ressalta Batista.

A iniciativa está alinhada às necessidades dos hospitais brasileiros onde cada dose de medicamento é fracionada ocorrendo retrabalho, além dos custos adicionais de perda de validade, etiquetagem de identificação, muitas vezes feitos de forma manual, ficando suscetível a erros e perdas. Hospitais de referência no Brasil, onde a preocupação com o paciente e a garantia da qualidade é uma prioridade relevante, adotam esta tecnologia, garantindo assim conceito e certificações internacionais.

Reconhecendo a necessidade dos hospitais a Prati-Donaduzzi iniciou o projeto para aplicação do código. Inicialmente, a tecnologia será aplicada aos produtos da linha de medicamentos fracionados sólidos e orais, mas deve ser estendida para todo o portfólio da indústria. A farmacêutica possui mais de 20 produtos já notificados na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) para serem produzidos com o código de leitura bidimensional Datamatrix.

Ao investir em segurança a Prati-Donaduzzi está em conformidade com o Sistema Nacional de Controle de Medicamentos (SNCM) proposto pela ANVISA e levado à consulta pública para regulamentação.

Consulta pública nº 10/2013

Segundo informações da ANVISA, o SNCM institui os mecanismos e procedimentos que vão garantir o

rastreamento dos medicamentos. O sistema propõe que o controle comece na produção e acompanhe o medicamento até a prescrição dos produtos. A Agência definiu o código padrão Datamatrix para identificar e promover a rastreabilidade de medicamentos no Brasil.

A proposta encaminhada para consulta pública em 3 de abril, por um período de 30 dias, determina que a responsabilidade de zelar pela qualidade, pela segurança e pela eficácia dos medicamentos deve ser compartilhada entre todos os agentes que atuam na cadeia de produção, distribuição e consumo desses produtos.



RECONHECENDO E PREMIANDO OS GESTORES HOSPITALARES

Coordenação avalia cada trabalho comparando os quatro primeiros colocados com a avaliação feita in loco



O “Prêmio FBAH de Administração Hospitalar” foi criado no ano de 2004 como *Prêmio Johnson & Johnson de Administração Hospitalar*, para reconhecer e premiar os gestores hospitalares que se destacaram em suas instituições e na comunidade através de projetos eficientes, responsáveis e criativos. A partir de 2009, o prêmio recebeu uma nova roupagem sob a Coordenação da Administradora Solange Amora Aliandro, que passou a contar – além da nova denominação – com organização, planejamento e premiação realizada pela própria Federação Brasileira de Administradores Hospitalares (FBAH). “Quando o prêmio foi assumido integralmente pela FBAH, fizemos um novo regulamento com os mesmos critérios internacionais de sistema de gestão de qualidade e acrescentamos a valorização da liderança exigindo que o candidato tivesse uma pontuação mínima neste item para

que fossem avaliados os outros quesitos”, conta Solange Aliandro, que também é Consultora de Sistema de Gestão da Qualidade em Instituições de Saúde. Para a premiação deste ano (2013) foram levados em consideração critérios como liderança, planejamento estratégico, foco no cliente, gestão dos processos, gestão de pessoas, relação com fornecedores, responsabilidade social, resultados financeiros, conquistas de certificações, creditações e prêmios. “Temos uma comissão de avaliadores formada por pessoas capacitadas com doutorado ou mestrado em administração de saúde. Cada trabalho é julgado por, pelo menos, quatro avaliadores que enviam as notas. Posteriormente, a coordenação avalia cada trabalho comparando os quatro primeiros colocados com a avaliação feita *in loco*, visitando cada um e classificando definitivamente os três primeiros para receber os prêmios”, ressalta.



divulgação

Solange Amora Aliandro,
Coordenadora do Prêmio da FBAH.

CONFIRA A LINHA DO TEMPO DOS GANHADORES DO PRÊMIO FBAH DE ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR

2012



2012 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
1º LUGAR
MARCELO THEOPHILO LIMA
HOSPITAL DE SAÚDE MENTAL DE
MESSEJANA - FORTALEZA - CE



2012 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
2º LUGAR
CARLOS EDUARDO DE CAMPOS
HOSPITAL SÃO CAMILO
IPIRANGA - SÃO PAULO - SP



2012 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
3º LUGAR
ALLAN JACQUESON BARBOSA LOBO
HOSPITAL GERAL DE PALMAS
PALMAS - TO

2011



2011 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
1º LUGAR
DANILO OLIVEIRA DA SILVA
HOSPITAL MUNICIPAL DE
ARAUCÁRIA - ARAUCÁRIA - PR



2011 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
2º LUGAR
ÊNYLO VINICIUS FARIA
HOSPITAL LUIZ CAMARGO DA FONSECA
E SILVA - CUBATÃO - SP



2011 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
3º LUGAR
RODOLFO KOGERATSKI
HOSPITAL VITA BATEL
CURITIBA - PR

2010



2010 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
1º LUGAR
KÁTIA FERRAZ SANTANA
SANTA CASA DE MARÍLIA
MARÍLIA - SP

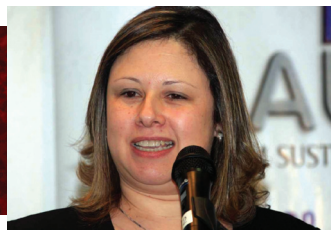


2010 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
2º LUGAR
MARIA LÚCIA PONTES CAPELO VIDES
HOSPITAL PROFESSOR EDMUNDO
VASCONCELOS - SÃO PAULO - SP



2010 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
3º LUGAR
GUSTAVO DE MORAES RAMALHO
HOSPITAL MONTE SINAI
JUIZ DE FORA - MG

2009



2009 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
1º LUGAR
ELIANA AP. DE CARVALHO FANTUCCI
HOSPITAL SÃO CAMILO
POMPEIA - SÃO PAULO - SP



2009 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
2º LUGAR
FERNANDA JULIO BARBOSA
HOSPITAL SERVIDOR PÚBLICO
MUNICIPAL - SÃO PAULO - SP



2009 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
3º LUGAR
IRMÃ MARIA REGINA DE MORAIS LEITE
HOSPITAL MADRE TERESA
BELO HORIZONTE - MG

2007



2007 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
1º LUGAR
ARMANDO PILETTI
ASSOCIAÇÃO BARTHOLOMEU
TACCHINI - BENTO GONÇALVES - RS



2007 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
2º LUGAR
EDUARDO DE AZEVEDO GALDINO
INSTITUTO DE SAÚDE ELPÍDIO
DE ALMEIDA - CAMPINA GRANDE - PB

2006



2006 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
1º LUGAR
LAILA MELLEN SALLUM MELLO MARCOS
HOSPITAL UNIMED FRANCA
FRANCA - SP

2005



2005 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
1º LUGAR
**TENENTE CORONEL RAMON
BAPTISTA SOARES**
HOSPITAL GUARNIÇÃO - JOÃO PESSOA - PB

2004



2004 | ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR
1º LUGAR
MARIO HÉLIO DE SOUZA RAMOS
HOSPITAL PROFESSOR EDMUNDO
VASCONCELOS - SÃO PAULO - SP



Kit Hospitalar

Torna os ambientes aconchegantes para seus pacientes sentirem-se mais confortáveis e especiais!



Cada kit é desenvolvido de forma única, seguindo uma pesquisa sobre personalidade e hobby dos clientes.

São mais de 180 modelos com temas já desenvolvidos com várias possibilidades de perfis: Feminino, Masculino, Infantil, Neonatal, Obesidade Mórbida, Acompanhante e Celebridades.

Conjunto personalizado de cama e banho para quartos de hospitais, spas, clínicas e casas de repouso.

11 2941-5436
www.scalonuniformes.com.br
vendas@scalonuniformes.com.br



Conheça os próximos temas que serão destaques nas próximas edições da revista *Administrador Hospitalar*

- ✓ Certificações na Saúde – Custos X Benefícios.
- ✓ Centros de Estudos e Pesquisas em hospitais.
- ✓ Saúde e Grandes Eventos – como os hospitais devem se organizar.
- ✓ Projeto Governamental para a Saúde e grandes eventos.
- ✓ Parcerias Internacionais e Turismo na Saúde – como aproveitá-las.
- ✓ Mídias Sociais – como as instituições de saúde estão aproveitando os novos meios de comunicação.
- ✓ Gerenciamento de Riscos e Segurança do Paciente – práticas vencedoras.
- ✓ Crescimento dos Erros Médicos – “pesadelo” de gestores clínicos e administrativos.
- ✓ Câmaras Técnicas da Saúde e a Judicialização.
- ✓ Gestão da Enfermagem – como unir esforços e soluções.

GUIA DE ANUNCIANTES

Endo Sul Com. e Repr. de Material Cirúrgico	59
Expressa Distribuidora de Medicamentos	2
Fokkus Trade	63
Gade Hospitalar	33
Grafite Comunicações	73
HAOC - Hospital Augusto de Oliveira Carvalho	67
Huffix	13
Indústria Farmacêutica Prati-Donaduzzi	77
INDSH - Instituto Nacional de Des. Social e Humano	84
Laboratório B. Braun	39
Laboratório E.M.S.	45 e 65
Marluvas	83
Medinovacao Ind. Com.	55
Mediteq	37
Medpej Equipamentos Médicos	61
MHA Engenharia	39
Newello	51
Pró Saúde	31
Scalon Uniformes	81
TRUMPF Máquinas Ind. e Com	43
Vert Soluções em Informática	23
Vitrine Hospitalar	49



Nem tudo que é branco serve para você.

Chegou Pró-Saúde, o calçado de microfibras para profissionais de saúde.

Todos os seus passos dentro da NR 32.

A norma NR 32 trouxe algumas exigências para quem trabalha na área da saúde. Para você andar dentro da norma, a Marluvas lançou os modelos Pró-Saúde. Calçados de alta performance, fabricados com a tecnologia de microfibras M Micro. Leves, impermeáveis, fáceis de limpar, confortáveis e ideais para a transpiração dos seus pés.

marluvas.com.br

M micro
A MICROFIBRA DA MARLUVAS



MARLUVAS
CALÇADOS PROFISSIONAIS



INDSH

Instituto Nacional
de Desenvolvimento
Social e Humano

GESTÃO HOSPITALAR e de SAÚDE

COM FOCO NA QUALIDADE,
SEGURANÇA DA ASSISTÊNCIA,
TRANSPARÊNCIA E ÉTICA

SERVIÇOS

- CONSULTORIA
- GESTÃO HOSPITALAR E DE SAÚDE
- GESTÃO DE MEIO AMBIENTE
- CURSOS E TREINAMENTOS:
 - Segurança do Paciente
 - Trabalho em Equipe
 - Liderança
 - Logística em Instituições de Saúde
 - Contabilidade e Rotinas Trabalhistas
 - Indicadores de Saúde
 - NR 32
 - Entre outros

Sede Administrativa
Rua Vespasiano, 104 Vila Romana
São Paulo SP Brasil 05044-050
Tel. 55 11 3672-5136

www.indsh.org.br

